



Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Unidade Universitária de Dourados

PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS/PROFLETRAS

ELIZANGELA CRISTINA DA SILVA BENITES

**O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA A PARTIR DO TEXTO
IMAGÉTICO: O GÊNERO
CHARGE EM SALA DE AULA**

**Dourados-MS
2019**

ELIZANGELA CRISTINA DA SILVA BENITES

O ENSINO DE LÍNGUA DE LÍNGUA PORTUGUESA A PARTIR DO TEXTO IMAGÉTICO: O GÊNERO CHARGE EM SALA DE AULA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em Letras Profissional em Letras – PROFLETRAS da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Dourados-MS, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração:

Linguagens e Letramentos

Linha de Pesquisa: Leitura e Produção Textual: diversidade social e práticas docentes

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Elza Sabino da Silva Bueno

Bolsista: CAPES

Dourados-MS
2019

CIP – Catalogação na Publicação

B415e	Benites, Elizangela Cristina da Silva O ensino de língua portuguesa a partir do texto imagético: o gênero charge em sala de aula/ Elizangela Cristina da Silva Benites. Dourados, MS: UEMS, 2019. 110f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Unidade Universitária de Dourado, 2019. Orientadora: Profª. Drª. Elza Sabino da Silva Bueno. 1. Língua portuguesa – Estudo e ensino 2. Leitura 3. Charge I. Bueno, Elza Sabino da Silva II. Título. CDD 23. ed. – 372.4
-------	--

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
– UEMS, com dados fornecidos pelo autor.

ELIZANGELA CRISTINA DA SILVA BENITES

O ENSINO DE LÍNGUA DE LÍNGUA PORTUGUESA A PARTIR DO TEXTO IMAGÉTICO: O GÊNERO CHARGE EM SALA DE AULA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em Letras Profissional em Letras – PROFLETRAS da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Dourados-MS, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração:

Linguagens e Letramentos

Linha de Pesquisa: Leitura e Produção Textual: diversidade social e práticas docentes

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Elza Sabino da Silva Bueno - Presidente
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Prof. Dr. Geraldo José da Silva – Membro Titular
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Prof^a. Dr^a. Rosangela Villa da Silva – Membro Titular
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/UFMS

Dourados-MS, 09 de dezembro de 2019.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por estar comigo em todos os momentos, me protegendo durante o trajeto.

À Universidade de Mato Grosso do Sul/ UEMS e aos meus professores por contribuir em minha formação profissional.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, pela concessão da bolsa de estudos.

Ao Programa de Mestrado Profissional em Letras – Profletras da UEMS/Dourados e aos docentes do programa pela dedicação, incentivo e troca de conhecimento.

A minha orientadora, Profa. Dra. Elza Sabino da Silva Bueno, que me orientou com paciência e generosidade, agradeço de todo o coração.

A meus amados pais que me proporcionaram o estudo acreditaram que na educação eu poderia melhorar de vida e ampliar meus conhecimentos. Sem o primeiro passo lá atrás nos anos iniciais e o pleno apoio mesmo diante das dificuldades financeiras eu não conseguiria chegar até aqui.

Aos meus irmãos que demonstraram felicidade e entusiasmo diante do desafio de estudar e sempre me incentivaram.

Ao meu companheiro Jacinto Mareco Arguello, agradeço por ter sempre me apoiado e compreendido as horas de dedicação ao estudo, e também por não ter medido esforços e, quando precisei, sempre esteve presente para me levar e buscar da Universidade.

Ao meu filho amado por ter compreendido minha ausência.

Aos meus alunos que compreenderam a importância do estudo das charges e participaram com todo carinho nas atividades, sem eles eu não conseguiria.

Aos diretores, coordenadores da escola que sempre estiveram compreensíveis e prontos a ajudar no que fosse necessário.

Aos meus amigos que sempre torceram por mim.

Epígrafe

“El saber es el único
espacio de libertad
del ser”.

Michel Foucault.

BENITES, Elizangela Cristina da Silva. O ensino de língua portuguesa a partir do texto imagético: o gênero charge em sala de aula. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Dourados-MS, 2019. (Dissertação de Mestrado em Letras)

RESUMO:

Com as transformações pelas quais a sociedade contemporânea vem passando, principalmente na área das comunicações e nas manifestações do pensamento humano, são perceptíveis as alterações na forma de comunicar e de relacionar-se com o outro. Nesse sentido o texto com imagem desempenha um papel relevante, pois a relação do homem com a imagem não é algo recente, Santaella, Noth (1998). Os meios de comunicação preferem fazer uso acentuado deste recurso, uma vez que textos imagéticos apresentam potencial de informações pela presença da multimodalidade que se revela de diferentes formas, por meio de imagens, gráficos, tabelas, ou seja, são textos que fazem uso não apenas da língua escrita para emitir comunicação, mas também da imagem. Todavia, a escola ainda apresenta características conservadoras em relação ao trato de leitura e interpretação textual, condicionando texto ao emaranhado de palavras, e quando os profissionais do ensino se deparam com textos multimodais, muitos trabalham de forma sucinta cuja resistência é perceptível. Considerando o atual cenário em que vivemos repletos de mudanças, o papel do professor passa a ser o de mediador em sala de aula, considerando essa gama de manifestações multimodais. Assim, o presente estudo tem por objetivo geral analisar o uso da charge no ensino de língua portuguesa em sala de aula, e como objetivos específicos estimular a produção de charges por parte dos alunos envolvidos na pesquisa em uma turma de 8º ano do ensino fundamental de uma escola pública de Ponta Porã. Para a realização dessa pesquisa e sua aplicação em sala de aula fez-se uso da metodologia de pesquisa-ação proposta por Thiollent (2018), uma vez que a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. O aluno deve aprender a ler textos multimodais, pois eles são o que a nossa sociedade atual apresenta, principalmente em avaliações do Enem, em que é frequente o uso de tirinhas, charges e imagens que abordam tanto assuntos de língua portuguesa, como assuntos de outras áreas do conhecimento. A charge é um gênero que pode ser trabalhado em sala para melhorar a leitura e interpretação crítica, por meio do humor e da ironia, demonstrando aos seus leitores o quanto é necessário o conhecimento da realidade, a percepção do que está ao seu entorno e da sua importância no processo da comunicação linguística e, conseqüentemente, no ensino e aprendizagem de língua.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero charge; Leitura; Imagem; Compreensão; Produção textual

BENITES, Elizangela Cristina da Silva. O ensino de língua portuguesa a partir do texto imagético: o gênero charge em sala de aula. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Dourados-MS, 2019. (Dissertação de Mestrado em Letras)

ABSTRACT:

Nowadays with the transformations that our society is going through, especially in the middle of the communication, because this is the manifestation of the thoughts of the man, it is perceptible the changes in the form of communicating. The image has played a relevant role here, it is worth remembering that the relationship between man and image is not recent, as Santaella, Noth (1998, p.11) states: "Images have been means of expression of human culture since the pre- "The media prefer to make a marked use of this resource, since imagery has a great potential for information, multimodality is present in them and is revealed by different forms, such as images, graphs, tables, that is to say they are texts that make use not only of the written language to send communication. A cartoon is a type of multimodal text that requires the reader to read and interpret various modalities. However, it is still a challenge for teachers and students to work this imagery genre in a natural way. The school still has conservative characteristics regarding the treatment of reading and textual interpretation, conditioning text to the tangle of words, and when faced with multimodal texts, many work succinctly, resistance is perceptible. Considering the current scenario in which we live, full of changes, the role of the teacher becomes the mediator in the classroom for this range of multimodal manifestations. The student must learn to read multimodal texts, since they are what our present society presents. In the evaluations of the Enem it is frequent the use in the questions of strips, cartoons and images that approach tano subjects of Portuguese Language, as well as other areas of the knowledge. A cartoon is a genre that can be worked on in the classroom to improve reading and critical interpretation through humor, demonstrating to its readers how much is needed the knowledge of reality, the perception of what surrounds it.

KEYWORDS: Genre cartoon; Image; reading; understanding; Text production

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Organograma sobre o efeito de sentido na charge	27
Figura 2 – Organograma sobre o efeito de sentido a partir da polifonia	34
Figura 3 – Exagero: traço característico do humor	44
Figura 4 – Percurso da pesquisa-ação	50
Figura 5 – Características do texto imagético	71
Figura 6 – Características da charge	71
Figura 7 – Da ironia na charge produzida pela turma	72
Figura 8 – Organograma construção e interpretação da charge	73
Figura 9 – Percepção do humor na charge	75
Figura 10 – Reflexão crítica da charge	78
Figura 11 – Atividades de leitura e interpretação de texto	79
Figura 12 – Desigualdades sociais	80
Figura 13 – Melhora na compreensão do gênero	82
Figura 14 – Melhora na compreensão da charge	82
Figura 15 – Modelo de banner	89
Figura 16 – Banner para divulgação	91
Figura 17 – Print da página do site	92

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Dos percentuais de uso das respostas dos alunos	68
Gráfico 2 - Das dificuldades de leitura	68
Gráfico 3 - Das leituras de imagem	70
Gráfico 4 - Percentuais de uso das figuras de linguagem	74
Gráfico 5 - Imagem para entender o texto	79

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Etapas da pesquisa	52
Quadro 2 – Do perfil dos sujeitos da pesquisa – elaborado pela pesquisadora	58
Quadro 3 – Questionário elaborado/aplicado	62
Quadro 4 – Das respostas dos alunos	62
Quadro 5 – Figuras de linguagem	74
Quadro 6 – Atividades propostas	78

LISTA DE ABREVIATURAS

EJA	Educação de Jovens e Adultos
LN	Leitura de Imagem
LV	Linguagem Verbal
MS	Mato Grosso do Sul
NC	Não Compareceu
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PROFLETRAS	Mestrado Profissional em Letras
STE	Sala de Tecnologia Educacional
UEMS	Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

SUMÁRIO

Resumo	7
Abstract	8
Lista de Figuras	9
Lista de Gráficos	10
Lista de Quadros	11
Lista de Abreviaturas	12
INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO I – PERCURSO TEÓRICO DA PESQUISA	18
1.1 Os estudos linguísticos e sua importância para o português brasileiro	18
1.2 Os gêneros textuais e a importância de seu estudo	22
1.3 O gênero charge	25
1.3.1 Definição e características do gênero charge	26
1.3.2 A polifonia e o dialogismo presentes na charge	33
1.3.3 A intertextualidade presente no texto chargico	36
1.3.4 A multimodalidade na charge	37
<i>1.3.5 O humor contido no texto da charge</i>	39
CAPÍTULO II – METODOLOGIA: CAMINHOS PERCORRIDOS NA PESQUISA	46
2.1 Metodologia utilizada para o desenvolvimento da pesquisa	47
2.1.1 A pesquisa ação	48
2.2 Etapas de realização da pesquisa	49
2.2.1 Objetivos da pesquisa	52
2.2.2 Objetivo geral	54
2.2.3 Objetivos específicos	54
2.2.4 Justificativas da pesquisa	54
2.2.5 Hipóteses levantadas para a pesquisa	55
2.3 Perfil da escola pesquisada	56

2.4 Perfil dos sujeitos da pesquisa	57
2.5 Constituição do <i>corpus</i> da pesquisa	59
CAPÍTULO III – ANÁLISE DE DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	61
3.0 Fase exploratória	61
3.1 Diagnóstico com averiguação de conhecimentos de alunos do 8º ano do ensino fundamental sobre o gênero textual charge	62
3.2 Leitura do texto verbal e não verbal presentes na charge	70
3.3 Análise dos recursos de Humor, Ironia e outras figuras de linguagem encontrados nas charges estudadas	71
3.4 Análise da crítica nos textos chargísticos por meio de leitura e reflexão	77
3.5 PRODUTO FINAL: Charges produzidas pelos sujeitos da pesquisa	83
3.6 Exposição das produções das charges para a comunidade escolar	88
CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
REFERÊNCIAS	96
ANEXOS	99
- Figuras ilustrativas produzidas pelos alunos do 8º ano B	

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa se insere na Área de Concentração: Linguagens e Letramentos, na Linha de Pesquisa de Leitura e Produção Textual: diversidade social e práticas docentes, do Programa de Mestrado Profissional em Letras – Profletras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS, Unidade Universitária de Dourados – MS.

Pensando em um estudo que contemplasse a Linha de Pesquisa do Programa, que contribuísse para melhor compreensão da variação linguística no ensino de língua portuguesa e sua importância no processo de ensino aprendizagem em sala de aula do ensino fundamental de escolas públicas de Ponta Porã-MS, foi desenvolvida essa pesquisa, intitulada “O ensino de língua portuguesa a partir do texto imagético: o gênero charge em sala de aula” como uma proposta de intervenção na realidade cotidiana de alunos de 8º ano, com relação à produção textual a partir do texto verbal e não verbal presente nas charges analisadas neste estudo.

Ressalta-se a importância em trabalhar o gênero charge em sala de aula a partir do texto verbal e não verbal, porque se trata de um gênero que permite ao leitor uma ampla leitura permeando questões intertextuais, no sentido de torná-lo um leitor de notícias e de fatos que condizem com a sua realidade, pois a charge apresenta o humor e a ironia, além de ser bem aceito entre os adolescentes, fato que pode possibilitar uma melhor atenção aos conteúdos textuais e gramaticais ministrados nas aulas e, conseqüentemente, ampliação da capacidade interpretativa e reflexivo-crítica do aluno em sala, acerca de questões voltadas ao texto, considerando que a charge é um texto imagético que retrata um cenário imediato.

O objetivo geral deste trabalho é o de estimular a produção textual por meio do gênero charge, considerando que, atualmente, nossa sociedade passa por grandes transformações em vários campos do saber, inclusive na comunicação, pois é ela que revela o homem contemporâneo que ocupa lugar em uma sociedade também contemporânea e, com os avanços da tecnologia, houve mudanças na forma de comunicar, para torná-la mais rápida e acessível a todos os membros da sociedade. O acesso se faz, na maioria das vezes, pela relação que a tecnologia mantém nas questões estudantis, comunicacionais e trabalhistas, pois muitos fazem uso de aplicativos para estudar, comunicar e trabalhar e a falta de tempo na atualidade se revelam na linguagem, uma vez que dentro desses aplicativos, a

comunicação abreviou-se em palavras e como elas não bastassem, a imagem ganhou lugar de destaque. Chiappini (1997) observa que a força dos meios de comunicação que atuam na modernidade tem provocado uma série de mudanças na relação do homem com o conhecimento e, principalmente com a informação, revelada de modo fragmentado, rápido e com a presença marcante da imagem. É o que se averigua neste estudo do texto chárstico e sua importância para o processo de ensino e aprendizagem de texto em sala de aula.

É evidente que hoje muitos se comunicam em outro espaço, de modo especial no espaço virtual, em que prevalece o imagético e uma comunicação rápida para atender um grande público. Os textos multimodais apresentam situações de destaque em nossa sociedade e devemos aproveitar esse fator e trazê-lo para auxiliar no ensino na escola, de forma que nossos alunos possam sentir prazer ao ler um texto permeado de palavras/signos linguísticos e imagens. O que não quer dizer que será a substituição dos conhecimentos que a escola deve trabalhar e sim aproveitar a influência que os textos multimodais provocam em seus leitores para ensinar-lhes nos conteúdos e/ou conteúdos mais complexos da grade curricular do ensino fundamental, no sentido de facilitar e melhorar a leitura e interpretação textual dos alunos nas aulas de língua portuguesa. E a charge apresenta essas características, que podem provocar no leitor outro olhar, mais crítico perante o mundo e aos conteúdos ministrados em sala de aula.

Nesta pesquisa foi utilizado como suporte teórico conhecimentos de autores dos estudos da linguagem como Romualdo (2000), com a obra “Charge jornalística: intertextualidade e polifonia”, em que o autor discute amplamente este gênero e sua importância para a leitura e compreensão do texto, tanto escrito como imagético. Pietroforte (2017/2008) com a semiótica visual e análise de textos visuais que parte dos percursos do olhar na construção da imagem. Possenti (2018/2014/2007) que trata do humor na língua e no discurso ao fazer um panorama do texto humorístico e suas facetas no processo de ensino de língua em sala de aula. Thiollent (2018) com a pesquisa-ação e sua intersecção nas diferentes etapas da pesquisa, em que é necessário e fundamental o envolvimento de todos os participantes da pesquisa e outros autores que se fizerem importantes no decorrer do estudo.

Para uma melhor visualização o trabalho está dividido em três capítulos, que garantem a organização das ações no decorrer da pesquisa. O primeiro capítulo trata do **Percorso teórico da pesquisa** e, por meio deste, foi possível ter acesso ao conhecimento necessário para abordar o gênero charge do modo que se propôs na pesquisa, partindo da definição e das características do gênero charge; da polifonia, dialogismo e intertextualidade presentes na charge, passando pelos textos multimodais, uma vez que a multimodalidade se faz presente na charge e chegando ao humor e à ironia contidos no texto da charge.

O segundo capítulo trata da “Metodologia: Caminhos percorridos na pesquisa” apresentando a metodologia empregada no estudo e discorrendo sobre os objetivos, perpassando pelo *corpus* da pesquisa. Neste capítulo é enfatizada a importância de trabalhar os textos multimodais de modo especial a charge, passando pelo perfil da escola e dos sujeitos envolvidos na pesquisa, além da justificativa e das hipóteses levantadas para a pesquisa.

O terceiro capítulo intitulado: “Análise de dados e discussão dos resultados”, trata das atividades e etapas que foram desenvolvidas, no decorrer do estudo, em que foi possível evidenciar momento de leitura, de compreensão e de interpretação do texto, tanto escrito como imagético utilizados na pesquisa e nas versões das charges produzidas pelos alunos envolvidos no estudo, com o auxílio da professora/pesquisadora. Ainda neste capítulo mostram-se o produto final do estudo e a sua aplicação em sala de aula em uma turma de alunos do 8º ano do ensino fundamental; as considerações finais; as referências bibliográficas que serviram de suporte para a execução da pesquisa e os anexos.

O tópico a seguir trata dos fundamentos teóricos da pesquisa e de sua importância para a construção do texto chargico pelos sujeitos de nossa pesquisa, isto é, alunos de 8º ano do ensino fundamental de uma escola pública da cidade de Ponta Porã-MS.

CAPÍTULO I

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 Os estudos linguísticos e sua importância para ensino da língua portuguesa

“A educação deve ser um despertar para a filosofia, para a literatura, para a música para as artes. É isso que preenche a vida. Esse é o seu verdadeiro papel?”.

Edgar Morin.

Somos seres de linguagem desde sempre, a partir dela o homem interage com o meio em que vive. Seja essa linguagem verbal ou não sempre existirá a necessidade de se comunicar com o mundo. Por meio da linguagem constitui-se a interação, tem-se acesso às informações, expressam-se pensamentos, sentimentos, experiências, ou seja, a partir da linguagem o homem tem a possibilidade de transformar o meio em que vive. Assim, o interesse em entender a linguagem não é recente, pois começaram com os gregos os primeiros estudos relacionados às linguagens e, hoje, na língua contemporânea, não é diferente, pois estamos sempre em busca de fatos, palavras ou expressões para nomear o mundo e as coisas ao nosso entorno.

De caráter filosófico e filologicamente, a linguagem é entendida como a manifestação do pensamento, em que o uso da língua se centra no discurso, na capacidade de persuasão. Câmara Júnior (1979, p.131) chama atenção da importância das formas linguísticas do passado para compreender o que se propõe na atualidade. Assim, tomando por base os conhecimentos de língua, linguagem, cultura e sociedade, considerando que o homem é um ser social que necessita do outro para viver em sociedade, o presente estudo tem por objetivo fazer uma reflexão acerca do ensino de língua a partir do texto verbal e não verbal e sua importância para o ensino de língua portuguesa para alunos de ensino fundamental em escolas públicas de Ponta Porã-MS.

Falar em estudos linguísticos nos remete a Saussure [1916] (2006), considerado o pai da Linguística, uma vez que esse estudioso a entende como a ciência que estuda a língua, denominação que surgiu no início do século XX, especificamente a linguagem

verbal em suas modalidades oral e escrita. Foi com a obra *Curso de linguística geral* [1916], na Suíça, que se deu início aos primeiros estudos científicos da linguagem. Organizada pelos discípulos de Saussure, na época professor emérito da Universidade de Genebra. Essa obra marca os estudos científicos da linguagem e influenciou vários estudiosos da área, e a partir dela abriu-se espaço para outras ramificações do estudo da linguagem como, a Sociolinguística e a Linguística Cognitiva, a Linguística Comparada, a Linguística Textual.

Para Saussure [1916] (2006), a língua é um sistema bem organizado e contribui para a evolução dos estudos linguísticos. Assim, para este estudioso, o estudo da linguagem apresenta duas partes fundamentais e de suma importância para os estudos da língua, a *Langue* e *Parole*, a primeira de caráter social e a *parole* de traços individuais. Deste modo, a língua, para o autor, é de caráter coletivo e a fala de cunho particular em cada indivíduo. A língua, de acordo com as concepções saussurianas, funciona como um acervo linguístico e perpassa três situações distintas, que são apontadas por Carvalho (2000, p.49-50) assim: “língua como acervo linguístico, como instituição social e como realidade sistemático-funcional”.

A língua de um povo é sua identidade, e esta característica está atrelada a quatro realidades descritas por Antunes (2009) que são: língua, cultura, identidade, povo, indissociáveis umas das outras, uma vez que elas se completam para dar sentido aos fatos e à vida humana em sociedade, de forma que é quase impossível falar de uma sem pensar e articular as demais realidades sócio-linguístico e culturais.

Para Antunes (2009, p.19), esses fatores estão assim justificados: “O povo tem uma identidade, que resulta dos traços manifestados em sua cultura, que, por sua vez, se forja e se explica pela mediação das linguagens, sobretudo da linguagem verbal”. Que segundo Antunes (2009) influenciam no ensino da língua materna, no sentido de propagar uma conexão entre eles, refletindo o processo de ensino e de aprendizagem e sua importância para o ensino de língua e para a vida do homem, por este ser dotado de necessidade de viver em sociedade.

Ainda segundo Antunes (2009, p.20):

A escola e, em geral, o consenso da sociedade ainda se ressentem das heranças deixadas por uma perspectiva de estudo do fenômeno linguístico cujo objeto de exploração era a língua enquanto conjunto potencial de signos, desvinculada de suas condições de uso e centrada na palavra e na frase isoladas. Nessa visão reduzida da língua, o foco das alterações se restringia ao domínio da morfossintaxe, com ênfase no rol das classificações e de suas respectivas nomenclaturas. Os efeitos de sentido pretendidos pelos interlocutores e as finalidades comunicativas presumidas para os eventos verbais quase nada importavam.

Pensar em um ensino que não ignore as questões linguísticas, culturais e as variações linguísticas próprias das línguas vivas e em processo de transformação, pois aos alunos não se pode negar a oportunidade de familiarizar-se tanto com a norma padrão/culta, como aquelas modalidades de línguas que estes trazem de seus meios sociais para o ambiente escolar, às vezes, tidas como estigmatizadas, socialmente (BORTONI-RICARDO, 2005).

O modo como a língua era ensinada nas escolas e vista com frequência nos livros didáticos, limitava-se aos estudos gramaticais e deixa de lado o processo de sentido da língua para aquele aluno que não a tinha como padrão de falar e escrever. Mas foi com o advento da integração da linguística com outras ciências que este quadro começou a mudar, passando a compreender a língua como processo de interação entre os falantes e a sociedade, e os estudos se voltaram às intenções sociocomunicativas do falante no processo da interação verbal.

O uso da palavra e seu sentido pretendido no processo de interação entre os interlocutores também se tornou objeto de estudo. Antunes (2009, p.20) reforça que esta ideia: “[...] trouxe para a cena dos estudos mais relevantes o discurso e o texto, desdobrando nas suas relações com os sujeitos atuantes, com as práticas sociais e com as diferentes propriedades que asseguram seu estatuto de microunidade da interação verbal”.

É nessa interação verbal que a língua apresenta suas características, suas possibilidades de significados e ressignificação, dependendo do contexto em que se apresenta. A partir dessas características ela passa a ser estudada como um fenômeno social, e não mais apenas como um conjunto de regras. Segundo Antunes (2009, p.21), “assim, a língua assume um caráter político, um caráter histórico e sociocultural, que

ultrapassa em muito o conjunto de suas determinações internas, ainda que consistentes e sistemáticas”.

Diante do exposto, o estudo da língua não pode ser limitado apenas ao ensino de gramática normativa, não considerando a situação de interação, de transformação da sociedade, seu potencial de significação, expressão de sentidos, uma vez que ela é, sobretudo, a grande mediadora nas relações interpessoais. Não podemos deixar de ressaltar no ensino da língua a questão do falar “certo” ou “errado”, mas de falar adequado ou inadequado, de acordo com a situação em que o falante se encontra no momento da interação sociocomunicacional, (BUENO E SILVA, 2012).

Vivemos em um país geograficamente de muitas diversidades territoriais, culturais e linguísticas, que refletem um modo de falar, porque a fala, assim como a língua, carrega traços históricos, geográficos culturais do falante de determinada região. Assim, sendo a língua portuguesa falada em nosso país, reflete essa diversidade, e isso precisa ser respeitado e discutido na escola, principalmente as questões que se referem às variações linguísticas, levando em consideração o contexto de comunicação.

Acerca desse assunto, assim Antunes (2009, p.30) se posiciona e enfatiza a importância do trabalho escolar ao ressaltar:

A escola, nesse particular, pode assumir o papel de explicitar esse conflito, orientando os alunos a perceber a existência das línguas como algo feito e, ao mesmo tempo, fazendo-se. A identidade de cada língua é apenas alguma coisa em viagem; sem que o padrão anterior seja melhor ou mais puro que o atual. Simplesmente, os dois lados fazem parte da original e sempre inacabada constituição das línguas. As identidades linguísticas e de todas as outras – são múltiplas, precárias e transitórias.

Dentro desta concepção, a língua deve ser concebida como um processo de interação social. Bakhtin (2006) a entende como um fenômeno social, fruto da interação verbal por meios da elocução entre os falantes. A esse respeito Bakhtin (2006, p. 183) assevera que:

Na realidade, não há, no sistema de língua abstrata em que se colocam as formas linguísticas de Bally, movimento, vida, realização. A vida começa apenas no momento em que uma enunciação encontra outra, isto é,

quando começa a interação verbal, mesmo que não seja direta, “de pessoa a pessoa”, mas mediatizada pela literatura.

Durante muito tempo o ensino da Língua Portuguesa versou em torno do ensino da gramática normativa, pois foi por intermédio de muitos estudiosos e trabalhos acadêmicos que se passou a questionar o ensino da língua portuguesa nas escolas e a partir do surgimento dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (BRASIL, 1998) a abordagem da língua obteve um novo direcionamento, obtido a partir dos estudos linguísticos, no sentido de privilegiar o ensino de produção, interpretação e compreensão textual como uma alternativa eficaz no processo de ensino e de aprendizagem de língua, inclusive por meio dos gêneros textuais, auxiliares importantes desse processo, como é o caso, por exemplo, do estudo da charge e sua importância para a compreensão do texto verbal e imagético, característica do nosso objeto de estudo, isto é, do estudo da charge como auxiliar do professor em seu fazer pedagógico em sala de aula.

1.2 Os gêneros textuais e a importância de seu estudo

Entende-se gênero linguístico, neste subcapítulo, como diferentes formas de expressão textual. Assim, podem-se destacar as configurações dos gêneros textuais como muitas formas de organizar as informações linguísticas, dando destaque para a finalidade do texto, o papel dos interlocutores, por meio da leitura de bulas, receitas, charges, editoriais, tiras, e-mails, piadas, notícias, reportagens, ou outros utilizados por falantes inseridos em situações reais de comunicação, sempre visando a facilitação da comunicação e da interação entre os falantes.

Discutir gêneros textuais é sinônimo também de discussão de fatores históricos e sociais, pois estes são o reflexo da necessidade do falante de se comunicar com o mundo ao seu entorno, uma vez que os conceitos e as variedades de gêneros acompanham a evolução social, pois segundo Marcuschi (2008, p.91) os gêneros caracterizam-se:

[...] como eventos textuais altamente maleáveis. Dinâmicos e plásticos. Surgem emparelhados a necessidades e atividades socioculturais, bem como na relação com inovações tecnológicas, o que é facilmente perceptível ao se considerar a quantidade de gêneros textuais hoje existentes em relação a sociedades anteriores à comunicação escrita.

A palavra gênero tem origem indo-europeia e significa “gerar, produzir”, no Brasil a palavra, segundo o dicionário Houaiss (2011, p.471), está assim definida:

Ge.ne.ro s.m.1 conjunto de espécie com a mesma origem ou as mesmas particularidades 2 p.ext. tipo, classe; estilo (gosta desse g. de roupas) 3 classe de estilo, técnica ou natureza artística ou literária (g. épico) 4 em gramática, categoria que classifica as palavras em masculino, feminino e neutro 5 BIO na classificação dos seres vivos, subdivisão da família, categoria que agrupa espécies relacionadas segundo a história da evolução e distinguíveis das outras por diferenças marcantes [...]

Na atualidade, a linguagem é tida como peça fundamental para o desenvolvimento humano, pois se entende que a cada época, ela exige um posicionamento e forma de expressão característicos de determinada época, deste modo, a linguagem é a mediadora de toda comunicação e dos diferentes discursos existentes no meio social, dos quais os falantes fazem uso no processo de comunicação e de interação linguística.

Com isso, as formas de gêneros textuais também acompanham a transformação cultural, social e tecnológica, conforme cada época. Como comenta Meurer (2002, p.10, 11), em sua obra “Gêneros textuais”, ao ressaltar que:

A vida social contemporânea exige que cada um de nós desenvolva habilidades comunicativas que possibilitem a interação participativa e crítica no mundo de forma a interferir positivamente na dinâmica social. Estas habilidades são exercitadas, por exemplo, quando fazemos uma solicitação formal, oral ou escrita, ao banco, ou ao síndico, para que revejam os altos preços cobrados pela prestação do apartamento ou do condomínio; ou quando elaboramos um “anúncio pessoal” escrito ou gravado para publicar em serviços telefônicos, jornais ou sites da Internet.

A linguagem e a comunicação estão associadas ao processo de interação social, dialogismo muito bem explicitado por Bakhtin (2006), pois como menciona Meurer (2002, p.142) “Bakhtin considera o dialogismo como princípio constitutivo e fundador da linguagem e como condição do sentido do discurso”. Assim, podemos inferir, conforme Bakhtin, que o discurso não se constitui sozinho, ele é o resultado da interação entre outros interlocutores e o discurso contido no texto.

Na perspectiva da literatura clássica, a preocupação era de reunir os textos que apresentavam características afins e específicas. Com as mudanças e a divulgação do

conhecimento, expansão da tecnologia e, conseqüentemente, as mudanças na forma da comunicação, foi necessário o surgimento de várias manifestações textuais que visavam expressar o pensamento humano. Pois, segundo Meurer (2002, p.262):

A proliferação de “novos” gêneros certamente está associada aos avanços tecnológicos e à velocidade na comunicação no mundo contemporâneo. A dinamicidade do meio, por interferência ou contaminação modifica tanto as formas de relações humanas quanto as formas de representar o mundo através das diferentes linguagens – sonoras e visuais – que, numa grande variedade de textos, frequentemente, co-ocorrem e interagem.

Assim, a noção de gênero acompanha a comunicação da modernidade. Meurer (2002, p.265) pondera acerca desse assunto da seguinte forma:

Pelo viés da institucionalização, os gêneros se comunicam com a sociedade em que existem. E, nos textos contemporâneos, essa comunicação fica muito aparente. Os gêneros clássicos, “puros”, se assim podem ser caracterizados, não exercem mais a mesma função: não são mais os únicos a suportarem os textos e as produções de uma época mais recente. A dinâmica e a velocidade que se impõem aos textos às produções da sociedade contemporânea exigem uma atualização constante, não só do meio e dos indivíduos, mas também de suas produções.

Diante dessa transformação espacial, temporal, social e cultural, a noção de gênero também sofreu alterações significativas, pois, com os avanços tecnológicos, a mídia produz vários meios de comunicação e a função de texto e, conseqüentemente dos gêneros, é vista como mediadora entre produtores e receptores inseridos nessa velocidade midiática de comunicação. E essa característica parece ter sido pensada por Bakhtin (2006) como conceitua Meurer (2002, p.266) como “a velocidade que se impõe e interfere nas produções midiáticas”. Deste modo, as estruturas dos gêneros clássicos não contemplam mais as produções contemporâneas, uma vez que elas são instáveis, principalmente os gêneros midiáticos que contemplam a velocidade da tecnologia e a necessidade de comunicação rápida entre os membros de uma determinada comunidade de fala.

Nesse sentido, há uma mescla de variedade da linguagem, seja verbal ou não verbal para facilitar a comunicação e transmitir efeito de sentido no texto, seja oral ou escrito, o que atualmente denominamos de textos imagéticos e as charges em estudo, com suas

características específicas, compõem esse gênero tratado por Bakhtin (*op. cit*), uma vez que corresponde a produção de linguagem, pressupondo um locutor e receptor da informação. Diante do exposto, verifica-se que toda essa mudança se reflete na escola, que precisa entender e trabalhar, dentro de uma concepção dialógica da linguagem. E para que o professor possa realmente fazer um bom trabalho, é imprescindível compreender todas estas etapas que constituem o gênero, dessa forma essa nova concepção deve servir de instrumento para aquisição de conhecimento dentro e fora da sala de aula.

Vejamos a seguir a conceituação de charge.

1.3 O gênero charge

A linguística moderna tem discutido o conceito de texto, no entanto, não há uma definição que contemple a satisfação de todos os estudiosos do assunto. Mas para abordar o estudo da charge vamos centrá-lo em um conceito que contemple a linguagem verbal e não verbal partindo das concepções propostas por Romualdo (2000, p.27) que apresenta o conceito de texto por intermédio de Fávero; Koch (1988, p.25) ao ressaltar que:

Texto, em sentido lato, designa toda e qualquer manifestação da capacidade textual do ser humano, (quer se trate de um poema, quer de uma música, uma pintura, um filme, uma escultura etc.), isto é, qualquer tipo de comunicação realizado através de um sistema de signos.

Interpretando esta referência pode-se conceituar a charge como texto, pois apresenta textualidade por intermédio da linguagem imagética. Vê-se que a linguagem verbal e não verbal formam textos com sentido, coerência e coesão, fazendo uso de recursos gráficos que dialogam com o texto verbal. Na charge prevalece o sistema pictórico, ou seja, a imagem, podendo ser um desenho ou fotografia, desde que o chargista faça o seu trabalho de forma a modificar a imagem original e a partir dela crie uma caricatura, o que pode ser comparado a uma paródia. Para Bakhtin (1981) há uma variação de discurso representado por meio da paródia, em que:

Pode-se parodiar o estilo de outro enquanto estilo; pode-se parodiar a maneira típica – social ou caracterológica – individual do outro ver, falar. Em seguida a paródia pode ser mais ou menos profunda: podem-se

parodiar apenas formas superficiais do discurso do outro como se podem parodiar até mesmo os princípios profundos do discurso.

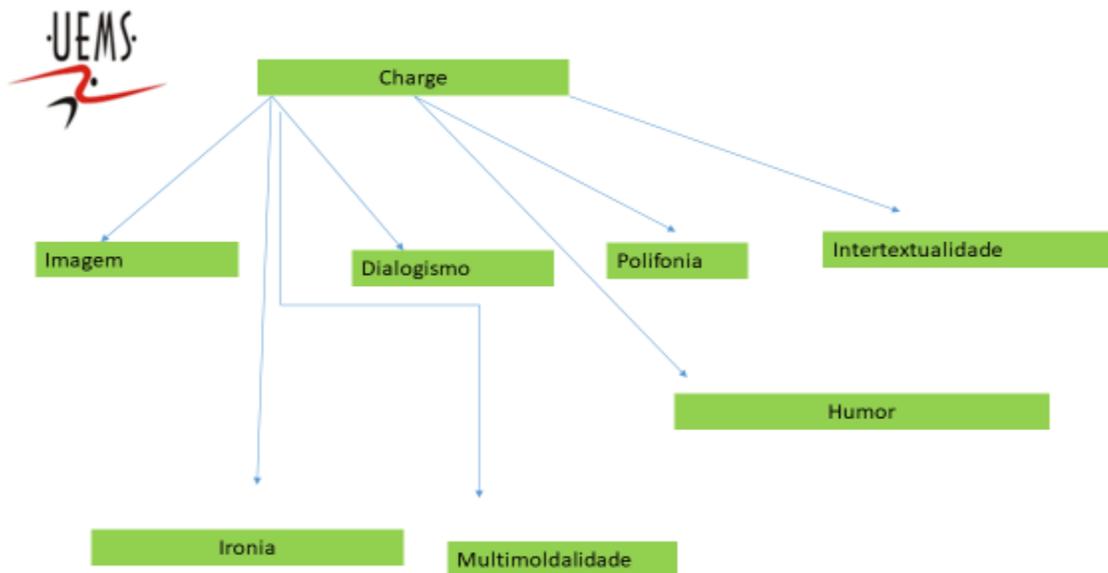
Oliveira; Fechini (1998, p.262) discorrem a respeito das características da paródia, pois para as autoras parodiar é “[...] uma das formas de carnavalização. Carnavalizar, parodiar, é recusar; é esvaziar, é dessacralizar sem descrer”. Outra característica, segundo Oliveira e Fechini (1998) é o “riso colado no sério”. “Ressaltam que toda paródia pressupõe a intertextualidade, que aborda sempre algo novo e diferente, inauguradora de um novo paradigma”. A este respeito encontramos, em Teixeira (2005), que o trabalho do chargista partir do original para o imaginário, uma vez que esse imaginário se constitui a partir de traços humorísticos repletos de ironia, como é possível verificar nos textos das charges que também pode funcionar como um precioso auxiliar pedagógico no processo de ensino em sala de aula, para professor e aluno, lembrando que a charge é um gênero textual que muito chama a atenção dos alunos, justamente, por mesclar o texto verbal com o texto não verbal, dando mais vivacidade à compreensão e interpretação textual pelo aluno.

O estudo que ora se desenvolve considera na charge a linguagem escrita e a não escrita, dando destaque não só para a intertextualidade, como também para o efeito de sentido, a ironia, o pictórico, os recursos gráficos.

1.3.1 Definição e características do gênero charge

A charge é um tipo textual que possibilita ao leitor diversas análises por percursos diferentes, pois apresenta características nas quais o leitor pode se reconhecer e dialogar com o texto. No organograma a seguir é possível visualizar os diferentes caminhos que o leitor pode percorrer ao se deparar com o texto chargístico. Lembrando que todos os elementos relacionados no organograma serão tratados detalhadamente mais adiante nos itens 1.3.2, 1.3.3, 1.3.4 e 1.3.5.

Figura 1 – organograma constitutivo do efeito de sentido no texto da charge



Fonte: organograma elaborado pela pesquisadora

Romualdo (2000, p.33) apresenta o conceito de charge como: “uma manifestação de caráter visual da capacidade textual do ser humano”. Deste modo, entendemos a prevalência do caráter visual contido nela, e que, a partir disso, pode-se verificar a sua composição, como explicita o autor ao tratar da charge e das características que a compõe:

A charge é um texto visual desenhado e, enquanto tal, possui algumas características comuns a todos os desenhos. O seu desenho icônico, na sua totalidade, pode ser convertido a formas mais reduzidas, a elementos gráficos mínimos como o ponto, as linhas (verticais, horizontais, curvas, sinuosas – regulares e irregulares -, quebradas e mistas), e as massas (superfícies escuras ou hachuras), que variam de intensidade e podem assumir as mais diversas formas.

Todos esses elementos que compõem a imagem, sozinhos, não conseguem articular um significado total, eles são dependentes uns dos outros, ou seja, em conjuntos eles trazem efeito de sentido ao texto, uma vez que a palavra charge vem do francês *charger*, que significa carregar, exagerar o que pode ser justificado por sua apresentação estética, e esse exagero normalmente está relacionado às questões políticas, em que circulam assuntos atuais, deste modo uma das características do público leitor de charge é ser um consumidor

de notícias, pessoas que acompanham as questões que envolvem a sociedade e seus conflitos cotidianos.

O exagero da realidade é alcançado por meio da caricatura, ou seja, o desenho, que é sempre uma ilustração bem humorada, ao abordar fatos do dia a dia, sendo a maior parte deles temas políticos. E com a presença do humor, da ironia e da sátira, uma vez que o objetivo deste gênero textual é fazer com que o leitor possa realizar uma leitura reflexiva e crítica do comportamento humano, para melhorar a progressão argumentativa entorno do tema de circulação social.

É importante compreender a diferença que há entre charge, cartum e caricatura, Romualdo (2000, p.32) cita uma explicação dada por Chico Caruso em um programa exibido em uma emissora televisiva:

[...] Chico Caruso, desenhista desses três tipos de texto, distinguiu cartum, charge e caricatura, comparando-os à fotografia. Caruso apresentou o cartum como uma máquina fotográfica focada no infinito. A possibilidade de compreensão do cartum, pelo fato de focar uma realidade genérica, é muito maior. Em contrapartida, a charge focaliza uma determinada realidade, geralmente política, fazendo uma síntese de um fato político. Somente os que conhecem essa realidade entendem a charge. Já a caricatura focaliza um elemento dessa determinada realidade focada na charge.

Retomando a definição de caricatura, essa expressão surgiu na Itália durante a segunda metade do século XVII, provinda do verbo *caricare* que significa carregar, acentuar, sublimar, Romualdo (2000). Porém estes estilos teriam aparecido por volta do século V a.C, na Grécia antiga com Pauson, pintor grego que é considerado uns dos primeiros caricaturistas. A característica do exagero é alcançada pelo desenhista por meio da hipérbole nos traços das linhas, com o intuito de ressaltar os traços mais marcantes da personalidade, sendo eles negativos ou positivos, e o resultado é uma ilustração humorada da realidade.

É característico do texto chargístico a presença da ironia, que muitos fazem relação com a escrita e a fala, no entanto, o termo correlaciona-se a um recurso de linguagem, que pode aparecer em suportes como: gestos, histórias, desenhos, poemas etc. Nos estudos gramaticais a ironia é uma figura de pensamento, que tem como finalidade alterar o sentido

primitivo, valendo-se do sentido conotativo da linguagem para expressar o oposto daquilo que se quis dizer. Romualdo (2000, p.86) apresenta dois conceitos de ironia, no primeiro conceito o estudioso diz que “IRONIA é a expressão que contém o oposto do que se quer dizer, com a intenção de criticar ou desprezar”, ou seja, podemos dizer, assim como Romualdo, que a ironia é uma figura que exprime um conceito contrário do que se pensa ou do que realmente se quer dizer, por isso, muitas vezes, só pode ser percebida quando se considera o contexto de uso da língua em situações reais de comunicação.

Dialogando com Romualdo, Kierkegaard (2015, p.192) em sua obra “O conceito de ironia”, considera que: “A forma mais corrente de ironia consiste em dizermos num tom sério o que, contudo, não é pensado seriamente. A outra forma, em que a gente brincando diz em tom de brincadeira algo que se pensa a sério, ocorre raramente”.

A segunda explicação de ironia de Romualdo (2000, p.86) acrescenta a questão de considerar o contexto, esse aspecto dialoga com os preceitos de Bahktin (2000), relacionado ao processo de interação verbal e dialogismo. Dentro desta perspectiva Bahktiniana, Brait (2008), em sua obra “Ironia em Perspectiva polifônica”, discorre também sobre o conceito de ironia recorrendo alguns pensadores da antiguidade que já abordavam o assunto, como: Platão, Aristóteles e Sócrates. Brait (*op. cit.*) ressalta a importância de compreensão da diversidade de abordagens acerca do assunto e enfatiza que ambos os filósofos tratam a questão da ambiguidade como composição do riso, do humor, do cômico e da ironia, aspectos que são encontrados nos textos chárgicos analisados nesse estudo e também naqueles produzidos pelos alunos sujeitos da nossa pesquisa.

E é justamente na obra de Aristóteles que se encontra localizada uma análise do ser humano, centrando na Retórica e no cômico que se integra na teoria da degradação. Essa teoria que marca o pensamento de Aristóteles consiste, segundo Brait (2008, p. 24), em “[...] transformar uma frase assertiva em interrogativa com a finalidade de dar a entender ao interlocutor um desconhecimento ou ausência de uma convicção em relação a um determinado tema”. O sentido metafísico da filosofia de Aristóteles passou a compor, nos tempos atuais, expressões como: caráter irônico, personalidade irônica, ironia do destino e outras. Cabe acentuar que Aristóteles, atribui à ironia o sentido de atitude fundamental ao ser humano, de caráter tradicional, como explica Brait (2008, p. 24) ao ressaltar que:

A postura desenvolvida por Aristóteles em relação a ironia, que inaugura e marca profundamente o que se entende por “noção tradicional”, poderia ser traduzida como “espécie determinada de disposição e atitude intelectuais próprias de um tipo de homem”. Essa concepção da ironia como atitude tem em Sócrates, como se sabe o modelo primeiro de comportamento irônico, graças às técnicas desenvolvidas por esse filósofo, que consistiam basicamente em transformar uma frase assertiva em interrogativa com a finalidade de dar a entender ao interlocutor um desconhecimento ou ausência de uma nova convicção em relação a um determinado tema.

Sócrates, por sua vez, concebe a ironia como atitude e linguagem, pois a partir delas podemos entender o processo de compreensão do texto chargico, tomando por base os preceitos de dialogismo de Bakhtin (2000), em que os processos de comunicação entre textos irônicos pressupõem um locutor e interlocutor que sempre estarão agregando novos sentidos à mensagem primeira pretendida pelo locutor.

A concepção de ironia não é tarefa fácil, uma vez que temos vários teóricos que se aplicam a estudar, compreender e conceber uma definição para essa área de estudo. Atualmente a noção de ironia encontra respaldo no senso comum, sendo possível compreender expressões como: personalidade irônica, caráter irônico, ironia do destino, ironia de situação.

Retomando as questões das características marcantes do gênero charge que são os aspectos visuais, ou seja, a imagem, em que a semiótica procura analisar enquanto texto encontra-se a teoria da significação explicada por Pietroforte (2017, p.11) ao salientar que:

A semiótica estuda a significação, que é definida no conceito de texto. O texto, por sua vez, pode ser definido como uma relação entre um plano de expressão e um plano de conteúdo. O plano de conteúdo refere-se ao significado do texto, ou seja, como se costuma dizer em semiótica, ao que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz. O plano de expressão refere-se à manifestação desse conteúdo em um sistema de significação verbal, não verbal ou sincrética.

Pietroforte (2017) explica o que são os sistemas verbais e não verbais. O primeiro é entendido como todas as línguas naturais, o segundo apresenta como exemplo a música e as artes plásticas.) O autor aborda os sistemas sincréticos que são aqueles que acionam várias linguagens, a verbal e não verbal ao texto de forma a lhe complementar o efeito de sentido,

é o que ocorre na charge, tema de estudo nesta dissertação. Diante dessa informação vemos, que o mesmo conteúdo pode ser tratado por diversos planos de expressão. Pietroforte (2017, p.11) menciona este processo da seguinte forma:

Isso quer dizer que um mesmo conteúdo pode ser expresso por meio de planos de expressão de ordens diferentes, ou seja, pode-se manifestar em um plano de expressão de ordem verbal e não verbal ou sincrética. O conteúdo que se manifesta no sistema verbal em um romance, por exemplo, pode ser adaptado para o cinema em um plano de expressão sincrético, ou inspirar uma sinfonia ou uma tela em planos de expressão não verbais.

Este processo descrito pelo autor se apresenta nas charges jornalísticas, por exemplo, em que o texto verbal dialoga com o texto chargístico, que também se pode identificar como um processo de intertextualidade. Toda vez que nos direcionamos ao texto chargístico, a linguagem verbal, imagética, visual estará presente. No conceito da semiótica, quando nos referimos à palavra “imagem”, entendemos, por tudo aquilo que se pode ver. Assim, Pietroforte (2008, p.33) considera que a palavra também é um recurso visual: “Desse modo, os registros escritos das línguas naturais também são imagens”. Qualquer palavra – própria das semióticas verbais -, quando escrita, é antes vista e ouvida, o que faz desse registro linguístico uma semiótica sincrética em que há a combinação de palavra escrita e imagem, , para Saussure (2006), imagem acústica é aquela que se refere ao significante verbal, ocorrendo no plano da expressão fonológica, tendo como resultado um produto audível que visual.

Segundo Pietroforte (2008, p.34), a origem da palavra imagem vem do latim “imago”, cujo sentido é o de semelhante, representação, retrato, ou seja, etimologicamente, “imagem”, tomada como representação, pode se referir ao que se vê, ouve-se ou se imagina. Na charge a imagem é entendida como aquilo que se vê, devido às características visuais, imagéticas e a multimodalidade nela presentes. Pietroforte (2008, p.52) aborda desse modo o que ocorre na charge:

Quando um texto manifesta mais de uma semiótica em seu plano de expressão, trata-se de uma semiótica sincrética. A história em quadrinhos com balões e o cinema falado são semióticas sincréticas, pois seus planos

de expressão são formados, pelo menos, por semiótica verbal e por semiótica plástica.

Na imagem, enquanto gênero textual e potencial imagético, deve-se considerar o visual e este visual depende do ponto de vista do chargista que representa o papel do escritor e o ponto de vista do leitor. Pietroforte (2008, p.67) em sua obra “Análise do texto visual: a construção da imagem” discute o ponto de vista em um capítulo do livro com o título “A construção da imagem na história em quadrinhos: o enquadramento e a manipulação do ponto de vista”. Nele o autor apresenta a questão da manipulação em que manipular diz respeito à visão de mundo que se pretende construir, que é o resultado do plano de expressão, uma vez que se trabalha com recursos visuais.

Pietroforte (2008, p.67) salienta que: “nesse caso, além de ser o modo de significação, o ponto de vista é também o modo de olhar”. Explica ainda que na fotografia ou na pintura categorias plásticas sofrem manipulação para orientar o olhar para determinados objetos. Na história em quadrinhos, por exemplo, ocorre a manipulação por meio de enquadramentos Pietroforte (2008, p.67) assim discorre: “na história em quadrinhos, a manipulação da leitura pode ser construída por meio de jogos de enquadramento, em que a imagem imaginada do conteúdo, quando manifestada, é exibida de acordo com o que, no cinema, chama-se movimento de câmera”.

As imagens sempre estiveram presentes na cultura humana, desde a pré-história por meio das pinturas nas cavernas. Mas, foi apenas no século XX que a comunicação imagética conseguiu o seu maior desenvolvimento e atenção por parte da sociedade. Santaella e Noth (1998, p.13) discutem em sua obra “Imagem: cognição, semiótica, mídia”, a importância da imagem em nossas vidas:

Hoje, na idade vídeo e infográfica, nossa vida cotidiana – desde a publicidade televisiva ao café da manhã até as últimas notícias no telejornal da meia – noite – está permeada de mensagens visuais, de uma maneira tal que tem levado os apocalípticos da cultura ocidental a deplorar o declínio das mídias verbais.

No entanto, os estudos das imagens não foram acompanhados desde cedo por pesquisas acadêmicas, como ocorreu com a língua escrita. Para Santaella e Noth (1998,

p.13), “[...] os estudos da imagem não criaram uma tradição similar, continuando até hoje sem um suporte institucional de pesquisa que lhe seja próprio. Uma ciência da imagem, uma imagologia ou iconologia ainda está por existir”.

Os estudos das imagens perpassam várias disciplinas como: história da arte, os estudos das mídias, a semiótica visual, as teorias da cognição e configura-se em um estudo interdisciplinar, pois segundo Santaella; Noth (1998) falta para as imagens enquanto sistema semiótico, uma metassemiótica, para poder explicar a imagem. Já na língua, há o caráter metalinguístico para explicá-la, fato que não ocorre nas imagens. Deste modo, o recurso verbal faz-se necessário para uma reflexão acerca da imagem. Segundo Santaella e Noth (1998, p.14), o código verbal e o visual estão atrelados:

Na realidade, o código verbal não pode se desenvolver sem imagens. O nosso discurso verbal está permeado de imagens, ou como Peirce diria, de iconicidade. Assim a teoria das imagens sempre implica o uso de imagens. A palavra “teoria”, aliás, já contém na sua raiz uma imagem, pois “teoria”, na sua etimologia, significa “vista”, que vem do verbo grego *theorein*: “ver, olhar, contemplar ou mirar”.

Para o estudo da charge além das imagens, a polifonia e o dialogismo também são de fundamental importância, daí a necessidade de tratar desses elementos.

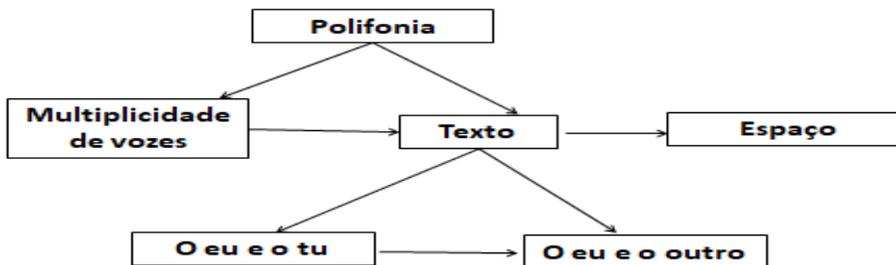
1.3.2 A polifonia e o dialogismo presentes na charge

O conceito de polifonia foi introduzido a partir dos estudos de Bakhtin (2000), em que é apresentada como uma multiplicidade de vozes que formam o discurso. A esse respeito buscamos Barros (2011, p.03) acerca da definição de dialogismo:

Em outros termos, concebe-se o dialogismo como o espaço interacional entre o eu e o tu ou entre o eu e o outro, no texto. Explicam-se as frequentes referências que faz Bakhtin ao papel do “outro” na constituição do sentido ou sua insistência em afirmar que nenhuma palavra é nossa, mas traz em si a perspectiva de outra voz.

Diante do exposto, faz-se necessário para melhor visualização dos elementos envolvidos na compreensão e no efeito de sentido na charge, trazer um organograma da figura de polifonia e sua importância para compreensão do texto chargico.

Figura 2 – organograma constitutivo do efeito de sentido no texto da charge a partir da polifonia



Fonte: organograma elaborado pela pesquisadora

A charge, enquanto instrumento de comunicação social, tem em suas características a polifonia discursiva, pois pressupõe o discurso de várias vozes, que refletem a sociedade em que vivemos. Essas vozes constituem o que Bakhtin (2000) chama de discurso do eu e do tu, que na charge aparece por meio da linguagem verbal e não verbal, de modo implícito ou explícito. Essa comunicação apresenta e revela conceitos dos sujeitos envolvidos, em que cada leitura não é feita de maneira igual, pois cada leitor tem um modo de ver, entender e refletir acerca da realidade. E, ainda, cada leitor tem sua bagagem de conhecimentos, sejam eles específicos ou da realidade de seu cotidiano. Por isso, as charges constituem um discurso polifônico e não monoplanares, pois segundo Romualdo (2000, p.62):

As charges não se tornam monoplanares, pois elas não têm a intenção de promover uma única leitura, não abafam as várias visões em uma única. Sua força está justamente na ambivalência, na pluralidade de visões que apresentam para o leitor.

Deste modo os textos com charge são um valioso instrumento para trabalhar a criticidade dos alunos e trabalhar também conteúdos de língua portuguesa, de forma mais prazerosa, principalmente aqueles conteúdos da disciplina de língua portuguesa que encontram certa resistência por parte dos aprendizes. Outro aspecto presente na charge é o

dialogismo, termo este que teve origem com os estudos de Bakhtin (2000), pois para este estudioso, a linguagem só tem sentido, ou seja, só existe a partir da interação entre o enunciador e o enunciatário que Barros explica (2011, p.02) ao ressaltar que “o dialogismo é a condição do sentido do discurso”, isto é, sem o diálogo que pressupõe o eu e outro não existirá discurso. E a presença do eu pode ser construída via interação verbal e por meio da intertextualidade que aparecerá no interior do discurso. Nesta perspectiva, o eu (sujeito), deixa de ser o centro para dar lugar a diferentes vozes sociais, na qual ele é caracterizado como um ser social e histórico. Barros (2011, p.03) define a função do sujeito desta forma:

Em outros termos, concebe-se o dialogismo como o espaço interacional entre o eu e o tu ou entre o eu e o outro, no texto. Explicam-se as frequentes referências que faz Bakhtin ao papel do “outro” na constituição do sentido ou sua insistência em afirmar que nenhuma palavra é nossa, mas traz em si a perspectiva de outra voz.

Outra característica do dialogismo é o diálogo estabelecido entre outras culturas, outras manifestações textuais, também conhecida como intertextualidade, que é basicamente dialogar com o texto ou com a imagem a partir de conhecimentos prévios de outros textos ou de outras imagens. Barros (2011, p, 04) argumenta este conceito de dialogismo intertextual e faz uso da linguagem poética de João Cabral de Melo Neto, a partir de seu poema Tecendo a Manhã:

Um galo sozinho não tece uma manhã
 ele precisará sempre de outros galos.
 De um que apanhe esse grito que ele
 e o lance a outro; de um outro galo
 que apanhe o grito que um galo antes
 e o lance a outro; e de outros galos
 que com muitos outros galos se cruzem
 os fios de sol de seus gritos de galo,
 para que a manhã, desde uma teia tênue,
 se vá tecendo, entre todos os galos.

Neste poema, de Cabral, é possível verificar as diversas vozes de que trata Bakhtin (2000), as quais estão interligadas, emitindo relações, completando-se umas às outras para compor o discurso e trazer um efeito de sentido ao poema. Nas charges essas possibilidades de várias leituras propiciadas ao leitor, por meio da linguagem verbal e imagéticas, tornam

possíveis o diálogo entre as diversas vozes, provocando no aluno a consciência de que os textos apresentam situações que dialogam com outras vozes, outros textos em contextos distintos.

1.3.3 A intertextualidade presente no texto chargico

A palavra intertextualidade foi difundida pela francesa Julia Kristeva, que considerou que nenhum texto é inédito e sim o resultado de um mosaico de citações. O que corresponde a características polifônicas, ou seja, o texto é o resultado de várias vozes e contextos diferentes, principalmente de outros autores. A questão da originalidade estaria no modo como o escritor aborda a temática, apresentando suas características no texto, ou seja, o modo como cada um tem de dizer as coisas em um determinado momento com um dado efeito de sentido. Isso sim seria o conceito de originalidade. Uma vez que tudo que pensamos, escrevemos foram resultados de várias leituras que no momento da escrita respingam na apresentação textual. Segundo Silva (1997, p, 47), a intertextualidade é:

De um modo geral, a intertextualidade diz respeito aos fatores que tornam a utilização de um texto dependendo do conhecimento de um ou mais textos previamente existentes, compreendendo as diversas maneiras pelas quais a produção e a recepção de dado texto dependem do conhecimento de outros textos.

A primeira percepção de intertextualidade é tratada por Bakhtin, em que o autor trata o romance polifônico que traz consigo uma pluralidade de vozes, demonstrando também como a palavra vem a ser bivocal e plurivocal, caracterizando o discurso dialógico, que é resultante do processo de interação social. Silva (1997, p.48) reforça este conceito ao acrescentar que: “em outras palavras, na base de sua análise do romance, encontra-se a convicção que todo texto tem internamente um caráter sociológico. Nele se cruzam as forças sociais vivas e cada elemento está impregnado de valores sociais vivos”.

A questão da intertextualidade passou a ser discutida por vários estudiosos, Koch, Bentes e Cavalcante (2007), por exemplo, propõem o estudo da intertextualidade a partir de duas perspectivas, em sentido amplo e estrito. No sentido amplo todo texto, segundo as autoras, faz relação com outros textos, mesmo sendo de modo implícito. Já no sentido

estrito a intertextualidade pode ocorrer de modo explícito, como em citações, resenhas, etc. Barros (2011, p.50) dialogando com Koch (2005) esclarece o sentido amplo e estrito, ao ressaltar que: “Ao sentido amplo, pode-se associar o fator tipológico; ao estrito explícito, o de conteúdo; e, ao estrito implícito, o formal; analisando-os a partir de critérios de confirmação, recusa absorção e transformação”. Para Romualdo (2000, p, 29), a intertextualidade é apresentada como um dos fatores responsáveis pelo entendimento do texto. A intertextualidade, de acordo com Beaugrande & Dressler (1981), diz respeito aos fatores que tornam a utilização de um texto (produção e recepção) dependente de outro texto previamente existente.

Diante do exposto, é possível inferir que as charges são um tipo de texto que trazem consigo na linguagem verbal ou visual a apresentação de muitas vozes, cujo sentido para o leitor está na dependência do conhecimento de outros textos, outras vozes, nessas intersecções dos diálogos com outros textos. Deste modo, a intertextualidade é de caráter relevante para a compreensão do sentido da charge e para os leitores, daí a importância do estudo da intertextualidade nos textos das charges selecionadas para essa pesquisa.

1.3.4 A multimodalidade na charge

No mundo em que vivemos nos deparamos com várias formas de comunicação, o papel dos gêneros textuais ultrapassou o limite de servir apenas para mera leitura e realização de atividades propostas pelo professor. Os gêneros textuais ocupam lugar de importância, pois representam contextos sociais que refletem os valores de cada época. Segundo os autores (2010) Marcondes, Menezes, Toshimitsu, o ato de ler textos que circulam socialmente tem papel fundamental na contribuição e na formação de caráter do cidadão:

Além disso, ler textos que circulam socialmente é também agir como cidadã, ou seja, é responder a perguntas que devem ser feitas pelos leitores, buscar respostas para elas, isto é interagir socialmente, pois a leitura não para na esfera da compreensão, vai muito além, uma vez que consequências sociais imediatas. Nesse sentido, vale dizer que ler o que circula socialmente é agir socialmente (p.13).

Nesse sentido, a escola precisa trabalhar os textos de circulação social, não se limitando apenas à leitura de textos de forma superficial, prendendo-se a leitura e interpretação mais complexas e mais aprofundadas. Como afirmam os autores (2010, p.13) Marcondes, Menezes, Toshimitsu, “no espaço fundamentalmente reservado para a formação de cidadãos, aprende-se a ler produzindo textos, deixando de discutir os efeitos sociais dos textos que estão na mídia”. E é neste espaço que surgem os textos multimodais, que podemos entendê-los como uso das múltiplas linguagens utilizadas em nossa comunicação. E para tanto hoje fazemos uso de muitos meios, principalmente os tecnológicos e visuais, pois, cores, sons, escultura, pintura, gestos, imagens, tudo é comunicação. Na escrita a multimodalidade aparece sempre vinculada a imagem, que assume papel importante nesta comunicação. Com esta perspectiva, o trabalho com o texto não deve ser pautado exclusivamente na escrita, uma vez que a escrita passa a ser apenas um meio. Dentro da multimodalidade, é tratado o conceito de multiletramento que são explicados por Rojo (2012, p.13) da seguinte forma.

Diferentemente do conceito de letramento (múltiplos), que não faz senão apontar para a multiplicidade e variedade das práticas letradas, valorizadas ou não nas sociedades em geral, o conceito de multiletramentos – é bom enfatizar – aponta para dois tipos específicos e importantes de multiplicidade presentes em nossas sociedades, principalmente urbanas, na contemporaneidade: a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica.

Assim, a comunicação visual por meio de imagens dentro deste cenário atual que nos encontramos, cada vez mais assume papel importante na linguagem humana e tecnológica. A escola não pode ignorar esses aspectos, uma vez que as charges são exemplos de texto multimodal que podem ser utilizados nas aulas de língua portuguesa, para trabalhar todos os aspectos de leitura e interpretação que transcendem o ensino tradicional. Para tanto, Dionísio (2014, p, 41) salienta que:

Trazer para o espaço escolar uma diversidade de gêneros textuais em que ocorra uma combinação de recursos semióticos significa promover o desenvolvimento cognitivo de nossos aprendizes. (Significa também um enorme desafio, quando levamos em consideração a nossa formação

docente, a rapidez dos avanços tecnológicos e a familiaridade dos nossos alunos com as mídias digitais em seu cotidiano fora da escola).

As questões humorísticas também são aspectos muito relevantes para o estudo das charges, assim, acredita-se que é fundamental tratar também do humor contido no texto das charges.

1.3.5 O humor contido no texto da charge

A charge é um tipo de texto que apresenta múltiplas informações, por fazer uso do texto verbal e visual, tem rápida aceitação por parte dos leitores, seja ele da idade que for desde que tenha conhecimento das informações contidas nela. É considerado um texto de circulação social e pode formar opinião e influenciar o leitor acerca dos diferentes assuntos tratados na charge. Um dos recursos para alcançar isso é por meio do humor e fatores de temporalidade, que segundo Romualdo (2000, p.52): “para o estudo do humor nas charges, interessa-nos outra dimensão de tempo: a atualidade, a contemporaneidade da charge com o fato ao qual ela se refere”. Deste modo é um tipo de texto que poderá favorecer o ensino da leitura crítica nas escolas.

De acordo Romualdo (2000, p.52), “Com o passar dos anos, por causa das transformações constantes em que vivem os homens e as sociedades de modo geral, o contexto social se modifica e, por isso, quando revemos velhas caricaturas ou charges não compreendemos muitas vezes a intenção e o humor desses textos”, porém alguns leitores podem até ter a compreensão quando se valem dos textos que estão contidos no jornal e fazem a relação intertextual, normalmente são leitores assíduos de jornais e atentos ao que acontece na sociedade, principalmente no meio político, todavia em sala de aula essas questões não são tão simples assim, pois cabe ao professor da disciplina de língua portuguesa, explanar minuciosamente acerca do assunto para que os alunos percebam a intertextualidade contida no texto da charge e o efeito de sentido dos vocábulos para uma melhor compreensão do texto como um todo. Por isso, propomos esse trabalho com charge em sala de aula com alunos do ensino fundamental para clarear as concepções que esses alunos têm de texto e de imagem e para auxiliar no processo de ensino e aprendizagem de língua de uma forma bastante prazerosa, por meio de texto imagético.

Romualdo (2000) declara ainda que o humor na charge passa a ser um recurso importantíssimo, pois atrai o leitor por meio dos recursos verbais e visuais, valendo-se em muitos casos de caricaturas com exageros, esse pressupõe o riso, que apresenta segundo Propp (1992) pelo menos seis tipos distintos de risos, que são: o riso de zombaria, o riso bom, o mau, cínico, o alegre, ritual e imoderado. Romualdo (2000, p.55) remete aos conceitos de Propp (1992) para explicar qual seria o riso no texto chargístico.

Levando em consideração essa classificação do riso proposta por Propp (1992), percebemos que a charge apresenta alguns aspectos do primeiro tipo, ou seja, do “riso de zombaria”. A charge busca expor aquilo que está oculto, dando, pelo humor, outro sentido sobre um acontecimento, um fato ou uma pessoa. Ao caricaturar uma personagem política, o chargista usa de forma hiperbólica as linhas e faz, sublinhando certos traços físicos do caricaturado, um julgamento de valor. Portanto, na charge, a caricatura é um meio de mostrar os defeitos velados dos caricaturados. Em nossa opinião, isso se liga à afirmação de Propp (1992) de que a natureza física desvela os defeitos da natureza espiritual. Além da caricatura, estão presentes frequentemente nos textos chargísticos a paródia, o exagero, o malogro da vontade das personagens, que também são colocados por Propp (1992) como elementos causadores do “riso de zombaria”. No entanto, da maneira como é tratado por Propp (1992), esse tipo de riso não abarca a ambivalência apresentada nas charges, por isso, não serão detalhados nesse estudo.

O humor está presente no mundo como objeto de manifestação artística da realidade, desde os tempos da antiguidade, a palavra de origem grega significa líquido. Conceito este que se aplica a pessoas que têm um organismo saudável com bons líquidos, podendo transmitir felicidade, alegria. E este modo de ser, relaciona-se a palavra comédia, que apresentava o sentido de qualquer manifestação teatral que predominasse a graça e a sátira.

Segundo Telles (1992), a sátira é: “uma variante da comedia, cujo objetivo é censurar ou ridicularizar defeitos ou vícios. Enfim, as sátiras e comédias visam trazer “bons humores” às pessoas, fazê-las rir, divertir-se”, principalmente se consideramos o mundo louco e a correria diária em que vivemos, em que, às vezes, é preciso extrapolar a tensão cotidiana através do riso, seja ele de zombaria, sarcástico ou de alegria.

Durante o século IV a.C., o filósofo grego Aristóteles, elaborou alguns escritos sobre o assunto e discutiu a comédia e a tragédia, no entanto, pouco restou deste trabalho, permanecendo apenas alguns fragmentos e, que por meio deles, é possível perceber que o tratamento dado por Aristóteles a tal assunto não foi de grande entusiasmo. Alguns intelectuais até nos dias de hoje não concebem a comédia como uma arte maior, no sentido de que o artista consegue alcançar com o público, como se o ato de fazer rir fosse fácil. Já o público mais simples foram os que mais aderiram à modalidade do humor, na idade média, muitos artistas exibiam sua arte representando as farsas como as do português Gil Vicente. As características humorísticas podem aparecer em qualquer manifestação artística, cultural, como: história em quadrinhos, charge, novelas, filmes etc.

A alegria é um sentimento que faz parte da nossa vida, e que vivemos buscando a felicidade, ou momentos felizes. O humor procura preencher este espaço, seja por mera satisfação do lazer ou com intuito de reflexão crítica social. São várias as modalidades de se fazer humor, como está demonstrado muito bem na obra “Sete faces do humor”, em que o humor apresenta sete situações para fazê-lo que são: o humor de comportamento, humor verbal, humor de personagem, humor do objeto e do engano e do grotesco.

O primeiro tem como pretensão falar de fatos que envolvem nosso cotidiano, como a peça cômica de Shakespeare no século XVI, A megera domada, já o verbal segundo Telles (1992, p.30) é aquele que:

É aquele tipo de humor que depende exatamente da palavra para se concretizar, através de trocadilhos, piadas, respostas inusitadas. Foi recurso literário ideal das “crônicas” – textos curtos, de caráter variado que apostam no comentário bem-humorado do autor para discutir assuntos cotidianos.

O humor de personagem está contido na diferença entre tipo e caricatura, sendo a primeira uma personagem com características definidas com intenções de apresentar algum comportamento social, fato que ocorre nas charges objeto de nosso estudo. A caricatura são traços característicos do personagem que são reforçados com intuito de provocar o grotesco e, conseqüentemente, o riso. O humor do objeto e do engano é antigo e, como o próprio nome indica, consistem em situações em que o humor é provocado a partir de uma troca,

engano de um objeto. E o último o humor grotesco como que consiste em situações inesperadas de enxergar o humor, que seria segundo Telles (1992, p.72):

Por que nós rimos da desgraça alheia. Que sentimento nos leva a rir diante de situações que deveriam despertar a piedade. E mais: por que o humor popular se utiliza anões, velhas, surdas, homossexuais, loucos, gogos, banguelas para fazer rir: Talvez alguns desses personagens deversem inspirar compreensão e piedade em vez de humor. Mas acabam sendo motivo de riso.

Percebendo essas manifestações do humor, nota-se que desde sempre o homem teve a necessidade de rir, de buscar o humor que é o oposto do mau humor, ou seja, da tristeza, raiva, agonia. Além disso, tem sido visto como um forte instrumento de comunicação social, como bem define Travaglia (1990, p.55):

O humor é uma atividade ou faculdade humana cuja importância se deduz de sua enorme presença e disseminação em todas as áreas da vida humana, com funções que ultrapassam o simples fazer rir. Ele é uma espécie de arma de denúncia, de instrumento de manutenção do equilíbrio social e psicológico; uma forma de revelar e de flagrar outras possibilidades de visão do mundo e das realidades naturais ou culturais que nos cercam e, assim, de desmontar falsos equilíbrios.

Para Travaglia (1990), o humor consegue realizar a crítica por meios diferentes, dinâmicos, abordando a realidade de modo não convencional. Possenti (2018, p.12), por sua vez, em sua obra Cinco ensaios sobre o humor, apresenta uma reclassificação diante do humor, este é concebido como um campo:

Hoje, diria que a novidade que de certa forma se impõe é uma reclassificação do humor: falta dizer dele o que está diante de todos: que é um campo. A noção de campo foi proposta por Bourdieu. O fundamento de sua abordagem é que “nossas sociedades são caracterizadas por uma forte diferenciação das atividades ou funções” (LAHIRE, 2017, p.64). Assim, nessas sociedades altamente diferenciadas, há um conjunto relativamente grande de Microcosmos relativamente autônomos, espaços de relações objetivas que são o lugar de uma lógica e de uma necessidade específicas e irredutíveis àquelas que regem outros campos. Por exemplo, o campo artístico ou de campo religioso ou campo econômico obedecem à lógica diferente (LAHIRE, 2017, p.64)

E essa concepção é atribuída à questão de que as pessoas que trabalham com humor, cada vez mais fazem disso uma profissão, busca aperfeiçoamento, o que caracteriza um campo de estudo. Na obra “Humor, língua e discurso”, Possenti retoma o conceito de campo no capítulo intitulado “É um campo: um programa”. Para Possenti (2014, p.175), esta classificação de campo seria mais apropriada:

Supor que o discurso humorístico é um campo (menos organizado que o científico, certamente), produz uma compreensão mais adequada. Permite – ou gera – outro olhar. É hora de fazê-lo! Até porque, parece, o humor ganha espaço cada vez mais numerosos e relevantes no mundo atual. Deve-se enfatizar que isso se reflete na profissionalização de seus “praticantes” É um traço extremamente relevante para configurar um campo, já que se trata de levar em conta, ao lado dos textos, as práticas que se configuram e às quais os sujeitos aderem, precisam aderir, ou às quais resistem, apesar de tudo.

Possenti (2014) destaca que é possível praticar humor na literatura a partir de diversos gêneros, como: narrativas, crônicas, provérbios, histórias em quadrinhos, charge, enfim todos os tipos de textos podem apresentar aspectos humorísticos. É no capítulo “Humor e acontecimento” que o autor deixa claro a finalidade de conceituar o humor e os fatores históricos. Para tanto, faz uso de charges que representam esse assunto, citadas como demonstração do exagero, traço característico do humor, Possenti (2014, p. 37).

Vejamos a figura a seguir tratada por Possenti (p.37) que tem no exagero o traço característico do humor.



Figura 3 – exagero: traço característico do humor

Fonte: Folha de S. Paulo – Opinião – 01/1/2007

Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/entretextos/article/viewFile/18530/14481>

Possenti destaca o que ocorre nesta charge (2014, p.37) “a charge explora o fato de que a execução de Saddam Hussein foi fotografada por um dos presentes (sem permissão) e divulgada pela mídia. A partir disso, “exagera-se” tal efeito, como é característico do texto humorístico”. Nesta charge o humor explica-se pelo exagero. Freud em sua obra “Os Chistes e a Sua Relação com o Inconsciente” (1905, p.171), faz distinção entre chiste e o cômico, enfatizando a dificuldade em avaliá-los, ao salientar que:

Aproximam-nos dos problemas do cômico de modo não usual. Parece-nos que os chistes, ordinariamente considerados como uma subespécie de cômico oferece-nos peculiaridades para serem atacados diretamente; assim evitamos sua relação com a categoria, mais inclusiva, do cômico, enquanto isso foi possível, embora não tenhamos deixado de colher, em passant, algumas sugestões que podem lançar luz sobre o cômico. Não tivemos dificuldade em descobrir que, socialmente, o cômico se comporta diferentemente do chiste (p.138). Pode contentar-se com duas pessoas: a primeira que constata o cômico e a segunda, em quem se constata. A terceira pessoa, a quem se conta a coisa cômica, intensifica o processo, mas nada lhe acrescenta. No chiste, esta terceira pessoa é indispensável para a completa ação do processo de produção de prazer; entretanto, a segunda pessoa pode estar ausente, exceto quando se trata de um chiste tendencioso, agressivo.

Weems (2016), neurocientista cognitivo, realizou estudos a respeito do humor, o autor na obra que publicou “HÁ! A ciência do Humor. Quando rimos e por que”, nos concede segundo seus preceitos a definição de humor Weems (2016, p.08):

Para muitos de nós, humor é sinônimo de ser engraçado. Alguém que conta uma piada ou nos faz rir é considerado bem-humorado, e ter um senso de humor significa ser rápido em reconhecer uma piada ou compartilhar uma história divertida. No entanto, um exame mais atento mostra que o humor não é sempre tão simples.

Weems (2016) discute a relatividade do humor, pois para alguns a piada é engraçada e para outros a mesma piada não o é. Deste modo, para o autor, o humor deve ser tratado como um processo e não como visão ou comportamento. Para Weems (2016, p.10), o humor é “é o resultado de uma batalha em nosso cérebro entre os sentimentos e os pensamentos, uma batalha que só pode ser compreendida ao se reconhecer o que causou o conflito”.

Cabe observar que mesmo diante dessa variação do humor, os efeitos sobre a mente são os mesmos para todos, é por meio de substâncias químicas que o nosso cérebro produz a alegria que leva ao riso. Uma delas é a dopamina que o autor (2016, p.18) menciona: “a dopamina, o neurotransmissor mais intimamente ligado ao humor”, é muitas vezes considerada como recompensa “química do cérebro”. “É por isso que ela foi também associada com a aprendizagem motivada, a memória e até mesmo a atenção”. Lembrando que diante da leitura de uma dada piada, o riso pode ser comum para uns e não muito comum para outros. Isso ocorre porque, para a compreensão do texto lido, o leitor desencadeia uma série de outros gatilhos ou conhecimentos prévios, conhecimentos de mundo e conhecimentos de leituras realizadas anteriormente. É o que veremos nos textos das charges aqui analisadas.

A seguir tratamos dos aspectos metodológicos da pesquisa que consiste em descrever a metodologia utilizada para o desenvolvimento da pesquisa, o tipo de pesquisa com a qual trabalhamos, isto é, a pesquisa-ação que se caracteriza pelo compromisso metodológico das ações realizadas no processo da pesquisa. Essa metodologia exige uma relação mútua entre pesquisadores e pessoas envolvidas no estudo da realidade que quer agir, Thiollent (2018); passando pelas etapas de realização da pesquisa, seus objetivos, justificativas e hipóteses, além do perfil da escola e dos sujeitos e constituição do *corpus* da pesquisa.

CAPÍTULO II

METODOLOGIA: CAMINHOS PERCORRIDOS NA PESQUISA

Neste capítulo apresentamos a metodologia empregada para o desenvolvimento da pesquisa, que está relacionada à pesquisa-ação proposta por Thiollent (2018). Lembrando que, segundo este autor, o que caracteriza uma pesquisa-ação é, justamente, o compromisso metodológico das ações realizadas e desenvolvidas no decorrer de todo o processo da pesquisa. Essa metodologia exige uma relação mútua entre pesquisadores e pessoas envolvidas diretamente no estudo da realidade que quer agir. Nesta perspectiva, Thiollent (2018) explica que os objetivos devem ser bem claros, deve-se estabelecer quem serão os envolvidos e que dificuldades poderão aparecer durante a execução da pesquisa, uma vez que ação e participação caminham juntas, pressupondo uma transformação na realidade em que o falante está inserido.

É exatamente essa a nossa meta, isto é, realizar uma intervenção na realidade de alunos do 8º ano do ensino fundamental de uma escola pública do município de Ponta-Porã-MS no que diz respeito à produção, interpretação e análise de texto, tomando por base o texto chargico que apresenta aspectos verbais e não verbais, como uma forma de facilitar a produção e a interpretação textual nessa turma de alunos que se encontra próxima do final de um ciclo e início do ciclo correspondente ao ensino médio, em que o aluno já se prepara para pleitear uma vaga em uma universidade pública.

Nesse capítulo apresentamos os objetivos propostos, tanto o geral como os específicos, as justificativas da pesquisa, as etapas de realização da pesquisa, as hipóteses levantadas, os perfis da escola e dos sujeitos envolvidos no estudo, além do *corpus* que consiste no material linguístico que servirá de suporte para a análise das charges produzidas pelos sujeitos, em que se destaca a importância do uso da charge no ensino da língua portuguesa em sala de aula e sua contribuição para o ensino de conteúdos de gramaticais trabalhados na turma na disciplina de língua portuguesa.

2.1 Metodologia utilizada para o desenvolvimento da pesquisa

Aborda-se nesta pesquisa o uso da charge em sala de aula, por ela apresentar essa dicotomia da linguagem: verbal e não verbal, e Lessa (2007) contribui com essa discussão ao confirmar que o crescente número de jornais, revistas, TV, explorando a sátira política por meio do uso de caricaturas nas charges é de suma importância para o processo de ensino aprendizagem em sala de aula, pois entre as características da charge, segundo Romualdo (2000), está o carácter comunicativo, para difundir informações de maneira sucinta e prazerosa, fazendo uso do texto verbal e da imagem simultaneamente.

Outra característica da charge é sua maneira sutil de tratar os acontecimentos por meio de uma linguagem humorística, para dar destaques a temas que ocorrem diariamente na sociedade e no dia a dia dos falantes e que se fosse tratado por meio de uma linguagem mais “sisuda”, isto é, que não considerasse a ironia, o humor, a polifonia, a intertextualidade, poderia ser vista ou entendida pelo interlocutor como uma afronta, daí o uso dos aspectos humorísticos para suavizar o discurso e os efeitos de sentido contidos na charge.

Historicamente, este gênero textual tem sido utilizado em críticas a temas de origem política, explicado por Silva (2004, p. 13), quando registra que a charge tem sido um espaço destinado à ironia, e “lugar de destaque em jornais, revistas, e na internet”, por estar inserido, neste gênero, “a presença da linguagem, da história e da ideologia”.

A presente pesquisa descreve uma pesquisa-ação que foi realizada em torno do uso da charge em sala de aula para o ensino de língua portuguesa com alunos do 8º ano do ensino fundamental. O teórico de referência para a metodologia da pesquisa é Thiollent (2018) com a obra “Metodologia da pesquisa-ação”, que apresenta os pressupostos da pesquisa como: estratégia, concepção e organização da pesquisa, além da área de aplicação. A pesquisa-ação consiste em tentar solucionar problemas de cunho social, técnico, em que os pesquisadores e membros da situação problema possam participar efetivamente do processo e da possível solução de problemas.

Para Thiollent (2018, p.08), a pesquisa-ação pode ser compreendida como um método: “De passagem, nota-se que a pesquisa-ação pode ser concebida como um método, isto quer dizer, um caminho ou um conjunto de procedimentos”. O próprio autor faz

referência à aplicação do termo método e metodologia, deixando claro que método é o caminho e à metodologia caberia discussão dos métodos para se chegar aos resultados esperados. Enfatiza o autor ainda que a participação de todos os envolvidos no processo determina a definição do problema estudado na pesquisa. Assim, cabe ao pesquisador formular os conceitos, buscar informações, e caberá aos “atores”, a participação nas ações, buscando a transformação por meio do conhecimento e das ações desenvolvidas no decorrer da pesquisa.

De modo geral, entendemos que a metodologia da pesquisa-ação é de suma importância para a realização de trabalhos científicos, permitindo a orientação dos caminhos a serem traçados durante a pesquisa que, por ser de cunho social, emprega diversas ações na busca por informações e interpretações dos problemas levantados. Além de agregar diferentes integrantes como a nossa pesquisa, por exemplo, que, por ser desenvolvida na escola, envolve: alunos, professores e demais elementos que fazem parte do processo educativo dentro e fora do ambiente escolar. E que, ao final, todos os participantes aprenderam algo novo, transformador da realidade vivenciada ao longo da pesquisa, isto é, acredita-se que a intervenção foi de suma importância, uma vez que, de certa forma, modificou a realidade cotidiana da escola onde os alunos/sujeitos da pesquisa estão inseridos, como é possível averiguar a partir dos resultados e da contribuição de todos os envolvidos no estudo.

2.1.1 A pesquisa-ação

A questão central deste estudo é discorrer acerca do ensino da língua por meio de textos verbais e imagéticos, uma vez que nossa sociedade está empregando fortemente textos visuais, por influência também do advento do ensino das novas tecnologias, uma vez que o contato com os textos visuais ou mistos é bem aceito pelos jovens estudantes, pelos jovens sujeitos da nossa pesquisa e pela sociedade em geral. Nesse sentido, acredita-se que a escola precisa compreender esse processo e valer-se desses recursos e aceitabilidade para trabalhar questões relacionadas às linguagens, envolvendo o estudante num ambiente de fácil aceitação por ele.

Assim, deve-se aproveitar a oportunidade e estimular, por meio de textos imagéticos, a leitura, produção, interpretação e compreensão de textos, favorecendo a melhoria dos aspectos linguísticos, com base em autores dos estudos da linguagem e do ensino de língua portuguesa. Partindo da pesquisa-ação, que consiste em elucidar problemas sociais, selecionamos a questão do ensino da língua nas escolas por meio do uso da charge, visto que esse procedimento não é algo comum nas escolas. Essa questão é relevante para a melhoria do ensino e envolve questões sociais, como muito bem enfatiza Thiollent (2018, p.20):

Entre diversas definições possíveis, daremos a seguinte: a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com uma resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

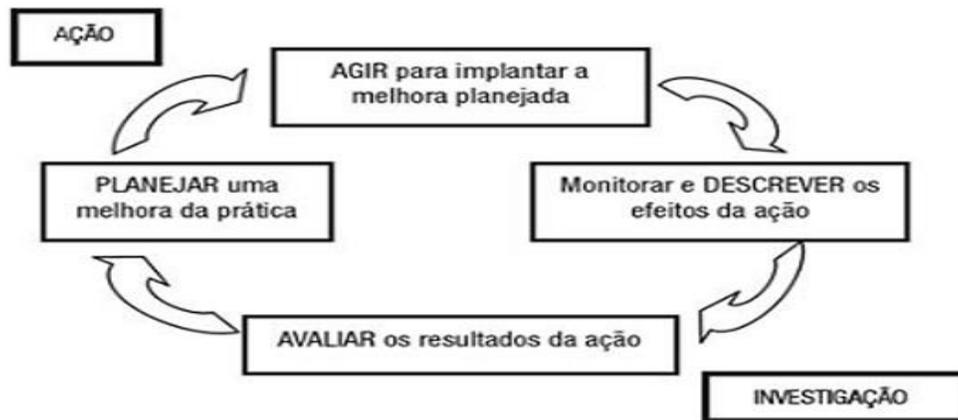
A pesquisa-ação não está limitada a relatórios burocráticos que ficam arquivados com seus resultados que poucos terão acesso. Ela vai além, exige dos participantes uma ação que necessariamente apresentar-se-á como resultado de uma transformação social dos sujeitos envolvidos na pesquisa. E para isso acontecer é necessário estabelecer a ação a ser desenvolvida, os agentes, objetivos, as dificuldades e, conseqüentemente, quais são os conhecimentos necessários e quais deverão ser aprendidos para a realização da pesquisa-ação, inclusive para que ela possa surtir um efeito satisfatório e desejado pelos profissionais envolvidos na ação.

2.2 Etapas de realização da pesquisa

A metodologia da pesquisa-ação, que se faz neste estudo, permite uma flexibilidade das ações, assim como afirma Thiollent (2018, p.55) em que “o planejamento de uma pesquisa-ação é muito flexível”, no sentido de contemplar os agentes envolvidos na pesquisa e auxiliá-los para que estes possam alterar ou intervir na realidade da sala de aula ou da sociedade em que vivem, a partir da intervenção. A seguir uma figura ilustrativa das etapas possíveis da pesquisa-ação, uma vez que esta é flexível conforme os resultados

alcançados ou não, pode-se ampliar, alterar as etapas no decorrer do processo para melhorar o aprendizado e solucionar a problemática proposta no início da ação investigadora.

Figura 4 - O percurso da pesquisa-ação



Fonte: Tripp (2005, p. 443-466)

Diante de tais premissas, a presente pesquisa foi realizada na Escola Estadual Joaquim Murtinho, na cidade de Ponta Porã – MS, na turma do 8º ano B, matutino, do ensino fundamental. Na fase exploratória definimos os objetivos e a situação problema que pretendíamos resolver. Foi elaborado um questionário com a finalidade de verificar o que os alunos sabiam e não sabiam sobre o que é a linguagem verbal e não verbal, sobre o que é uma charge. Após a coleta do material, verificou-se que muitos não tinham o conhecimento da diferença entre linguagem verbal e não verbal. A partir desse ponto foi organizada uma aula para esclarecimentos de aspectos verbais e não verbais da linguagem. O material da aula foi explanado por meio de data show e vídeos que abordaram os assuntos propostos. Várias imagens foram empregadas, história em quadrinhos, charge, com o intuito de demonstrar como a linguagem verbal e não verbal ocorrem e que as duas podem estar presentes e sendo usadas de forma alternada dentro de um mesmo texto, isto é, elas se complementam para dar efeito de sentido ao texto.

Em outra etapa foram apresentados os objetivos do estudo das charges e perguntado o que os alunos conheciam sobre o assunto. A maioria respondeu que são desenhos, porém

não relacionaram a charge enquanto texto que tem sentido expresso por meio de aspectos irônicos, humorísticos entre outros.

Após esse momento foram utilizadas duas aulas (oficinas) para explicar o que é charge, suas características, a importância da escolha vocabular ao criar e escrever o texto da charge. Após esse momento, houve análises coletivas de charges projetadas com auxílio de data show e explicação da sua significação pela professora/pesquisadora para a turma.

Em outra etapa da pesquisa os alunos realizaram exercícios de interpretação com charges, para verificar os recursos de ironia, humor e crítica contidos na charge. Após realizarem as atividades, foi feita a correção na lousa, nesse momento foi explicado cada detalhe das atividades. Todos os alunos presentes à aula participaram para auxiliar na elaboração das respostas na lousa. Em outro momento, a aula foi realizada na sala de tecnologia educacional. Lá foi solicitado que os alunos pesquisassem acerca de charges e realizassem leituras críticas, essas leituras foram registradas em caderno/diários de bordo, com as observações do que eles concluíram sobre as leituras críticas das charges pesquisadas.

Na aula seguinte foi solicitado para quem quisesse comentar a respeito da aula anterior na STE¹. Alguns se manifestaram, dizendo que gostaram de ter pesquisado sobre charges. Após esse momento a professora solicitou aos alunos que pensassem em um assunto que gostariam de falar e procurassem tratar desse assunto por meio de desenhos de uma charge, utilizando as características e as particularidades estudadas nas aulas anteriores. Os alunos produziram as charges que foram entregues à professora e depois expostas para toda a turma e para os demais alunos da escola.

Em outra aula as charges foram devolvidas aos alunos, e cada um comentou a respeito da escolha do assunto abordado. Em outra etapa da pesquisa foi feita a divulgação externa como define Thiollent (2018, p.81) como retorno dos resultados à comunidade:

O retorno é importante para estender o conhecimento e fortalecer a convicção e não deve ser visto como simples feito de “propaganda”. Trata-se de fazer conhecer os resultados da pesquisa que, por sua vez, poderá gerar reações e contribuir para a dinâmica

¹ STE Sala de tecnologia educacional

da tomada de consciência e, eventualmente, sugerir o início de mais um ciclo de ação e de investigação.

Uma vez que o retorno e discussão das atividades propostas se faz necessário para o andamento da pesquisa e a percepção de todas as etapas por parte dos alunos envolvidos, conforme o quadro a seguir.

Quadro 1 - Etapas da Pesquisa

Etapas	Ações	Participantes
1ª fase exploratória	Definição dos objetivos, situação problema	Professor/ aluno
2ª fase	Elaboração de questionário para conhecer os conhecimentos prévios dos alunos	Professor/ aluno
3ª fase: Aula experimental	Com uso de histórias em quadrinhos, charges para compreender a leitura de sentido	Professor/ aluno
4ª fase Estudo das charges	Aula expositiva Conceito de charge Recursos linguísticos: ironia, humor, crítica ... Análise de charges coletivamente Interpretação de charges	Professor/ aluno
5ª fase Uso da sala de tecnologia Leitura de charges	Realização de leitura de charges observando os recursos linguísticos estudados, com registros em cadernos de bordo. Intervenção da professora	Professor/ aluno
6ª fase Intervenção com produção de charges	Produção de charges e socialização na sala e comunidade.	Professor/ aluno Comunidade da escola

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora

2.2.1 Objetivos da pesquisa

Vivemos em um mundo globalizado, em que há a simbiose entre a linguagem a verbal e a não verbal. Nossa época é marcada pela velocidade de informações, em que o ser humano se tornou um ser capaz de realizar inúmeras atividades simultaneamente e sem sair do local onde está. Basta apenas apertar um ícone para dar o comando do que deseja realizar. A comunicação acompanhou a tecnologia, sendo possível comunicar-se por meio de imagem, sendo esta equivalente a sentidos e palavras. A imagem associada à linguagem

escrita consegue atingir seu interlocutor com mais rapidez e associada ao texto escrito, seja verbal ou não verbal, é capaz de trazer efeitos de sentidos até então não utilizado como forma e recurso de expressão, de comunicação e de interação entre os membros de uma determinada comunidade de fala².

Na escola, a linguagem visual é bem aceita pelos alunos, pois esta linguagem consegue dialogar com os educandos e atingir as suas expectativas deles acerca do processo de ensino e aprendizagem de língua e de comunicação linguística. Porém a compreensão e interpretação do gênero textual charge ainda é um desafio para estudantes e professores. A grande maioria não consegue ler a mensagem implícita neste tipo de texto, faz leituras superficiais de apenas parte daquilo que pode ser compreendido. Faz falta o conhecimento prévio necessário e adequado para a situação de leitura, algo que, em grande parte, pode ser conquistado por meio de informação, conhecimento de atualidades, do acompanhamento de notícias veiculadas em jornais impressos, revistas, televisão e internet. Nota-se que os recursos verbais e visuais juntos conseguem atrair o interesse do aluno para a leitura pretendida e para o aprendizado de conteúdos de língua portuguesa em sala de aula, porém faltam-lhes leituras fundamentais para compreensão dos conteúdos programados e trabalhados em sala de aula, principalmente daqueles conteúdos mais complexos.

Nesse sentido, destaca-se que a charge é um exemplo de texto em que estão presentes elementos verbais e visuais que cativa a atenção do aluno, principalmente, do ensino fundamental, objeto de nosso estudo, pois segundo Romualdo (2000, p.17), “a charge é um tipo de texto que atrai o leitor, pois enquanto imagem é de rápida leitura, transmitindo múltiplas informações de forma condensada”. Todavia, um elemento que torna o trabalho de leitura das charges em sala de aula mais agradável é a questão de explorar a crítica, utilizando-se do humor contido no texto da charge e, quando necessário, da ironia para atingir determinado tipo de compreensão dos efeitos de sentido contidos no texto e na imagem da charge.

² Labov (1972) afirma que uma comunidade de fala é aquela que compartilha normas e 'atitudes' sociais perante uma língua ou variedade linguística. Para Labov a comunidade de fala não está definida por nenhum acordo marcado quanto ao uso dos elementos da língua, mas pela participação em um conjunto de normas compartilhadas. Essas podem ser observadas em tipos claros de comportamentos avaliativos, e pela uniformidade de seus termos abstratos de variação, que são invariáveis com relação aos níveis particulares de uso (LABOV, 1972, p. 120-121).

2.2.2 Objetivo geral

Para a realização da pesquisa-ação temos como objetivo geral analisar o uso da charge no ensino de língua portuguesa em sala de aula, em uma turma do 8º ano do ensino fundamental, na escola Estadual Joaquim Murtinho.

2.2.3 Objetivos específicos

- Ressaltar a importância do uso da charge para o ensino de língua portuguesa nos aspectos da leitura, compreensão e criticidade;
- Depreender o tema principal do texto charge, sua intenção e seus efeitos de sentido;
- Identificar os recursos linguísticos utilizados na construção do texto chargístico;
- Desenvolver a argumentação e a persuasão a partir do texto da charge (linguagem verbal e não verbal).
- Produção de charges

2.2.4 Justificativas da pesquisa

Percebe-se nos dias atuais que a escola não tem acompanhado as evoluções tecnológicas e digitais presentes no dia a dia dos alunos, uma vez que o ensino, especificamente de língua portuguesa, volta-se quase que exclusivamente para o texto verbal, o que ainda acarreta problemas de compreensão de textos visuais aos alunos, uma que estes não têm o hábito de analisar a imagem e associá-la ao texto escrito.

Diante do exposto, o presente estudo surgiu da necessidade de desenvolver práticas metodológicas fazendo uso do texto “chargístico” que dispõe de dupla linguagem: verbal e visual, para servir de instrumento para o ensino de língua portuguesa em sala de aula, considerando que os alunos precisam adquirir novos conhecimentos e o texto imagético pode ser uma ótima oportunidade para o ensino voltado tanto ao texto escrito como à imagem.

Vale ressaltar que no texto chargístico está presente o humor para tratar de assuntos atuais, sendo um meio eficiente de averiguar se os alunos estão conectados ao mundo que os rodeia, pois nesta é possível abordar fatos ou acontecimentos do cotidiano e, para que

esses fatos sejam compreendidos, exige-se que o aluno conheça os contextos sociais, econômicos, políticos ou culturais nos quais o autor se baseou para criar a imagem e para escrever o texto da charge, de forma que a inter-relação entre o texto verbal e o não verbal, entre texto escrito e imagem, leve o aluno a perceber os efeitos de sentido contidos na charge e a ler, escrever, produzir, interpretar e compreender texto de qualquer gênero textual.

2.2.5 Hipóteses levantadas para a pesquisa

Ensinar língua portuguesa por meio de textos imagéticos é um dos desafios da nossa atualidade, uma vez que esses gêneros cada vez mais fazem parte da nossa realidade para facilitar a compreensão da comunicação e a interação fase a fase entre os demais membros da sociedade. Pretende-se por meio deles, melhorar a leitura crítica em nossos alunos, bem como estimular o processo de criação textual e compreensão de conteúdos da disciplina de língua portuguesa. Deste modo, para a presente pesquisa levantaram-se as seguintes hipóteses que poderão ser alcançadas/confirmadas ou não ao final do estudo.

Nesse sentido, há algumas hipóteses que carecem de respostas objetivas para que o trabalho com a charge e com os alunos de 8º ano, de uma escola pública de Ponta Porã-MS, possa alcançar resultados satisfatórios. Diante do exposto algumas hipóteses tais como: Os sujeitos da pesquisa sabem o que é a linguagem verbal e não verbal? Sabem que quando temos a linguagem verbal e não verbal no mesmo corpo do texto, denominamos de linguagem mista? Sabem o que é charge? Conseguem produzir uma charge? Conhecem as características específicas da charge?

2.3 Perfil da escola pesquisada

A pesquisa foi realizada na escola Estadual Joaquim Murтинho, na cidade de Ponta Porã- MS, na turma do 8º ano B, período matutino³. A Escola Estadual Joaquim Murтинho é o resultado da junção física da Escola Técnica de Comércio Joaquim Murтинho e Centro Educacional José Pinto Costa que, apenas no ano de 1983, recebeu a denominação definitiva de Joaquim Murтинho. Atualmente a escola oferece o ensino fundamental, o ensino médio e cursos profissionalizantes. A clientela é bem diversificada, atendendo a todas as classes sociais, devido à sua localização e, por estar próxima da área de fronteira, é comum receber alunos que têm conhecimento da língua espanhola e também da língua guarani. Este aspecto dificulta um pouco o processo de alfabetização nos anos iniciais e, conseqüentemente, se alastra para as séries seguintes do ensino no fundamental e médio.

Para a escola a democratização da tecnologia é de suma importância e oferta aos alunos o contato com os recursos tecnológicos, como as aulas na Sala de Tecnologias Educacionais em que os alunos fazem apresentação de seus trabalhos com uso de recursos midiáticos, pesquisam acerca de determinados assuntos para auxiliar no aprendizado dos assuntos propostos em sala de aula.

A escola funciona em três períodos distintos. No período matutino oferta o ensino fundamental II e médio. No vespertino atende ao ensino fundamental I e II, no noturno, oferta Eja, com o projeto Conectando Saberes e a Educação Profissional, com os cursos de Enfermagem oferecidos pelo Mediotec e Pronatec.

Em relação à estrutura física a instituição escolar conta com 19 salas de aula, sendo que três delas possuem banheiros próprios. Há uma biblioteca, uma sala de direção, uma para secretaria e uma sala para o atendimento das atividades relacionadas à secretaria; sala de professores e sala de planejamento.

³ Essas informações estão disponíveis no PPP da escola, no site <http://www.sistemas.sed.ms.gov.br>.

Em relação às aulas de Educação Física, a escola conta com duas quadras, uma coberta em situação regular e outra descoberta. A escola tem três laboratórios: de química, física e biologia, uma sala de matemática e duas salas de informática que é bem frequentada pelos alunos.

Os servidores efetivos docentes e administrativos somam um total de 66 e mais 44 professores convocados, perfazendo um total geral de 110 funcionários que auxiliam os fazeres, sejam pedagógicos ou administrativas, da unidade escolar.

2.4 Perfil dos sujeitos da pesquisa

Os alunos que participam da pesquisa são oriundos de diversos bairros da cidade e do país vizinho-Paraguai. A maioria desses alunos, que vem do Paraguai, fala o Espanhol e o Guarani. A faixa etária dos alunos está em desacordo com o ano que estão cursando. Deste número apresentado muitos deveriam estar frequentando o ensino médio. É uma turma com um índice de repetência acentuado, avalia-se uma distorção entre idade e série. Nesta turma, apenas cinco alunos estão na idade certa para o ano que estão cursando, os demais apresentam de um a três anos de distorções e repetência.

Como verificamos são alunos que ficaram retidos no mesmo ano, um dos fatores é o desestímulo, dificuldades de interpretação e concentração, principalmente porque em seus ambientes familiares falam o espanhol ou o guarani e na escola são alfabetizados em português, o que acaba por dificultar o processo de ensino e aprendizagem. Diante desses fatores é necessário trabalhar com uma metodologia diferenciada que possa suprir as dificuldades que esses alunos trouxeram consigo durante os anos de repetência, daí a proposta em trabalhar a pesquisa-ação para que eles se sintam sujeitos participantes de todo o processo da aprendizagem.

Vejamos a seguir o quadro do perfil dos sujeitos da pesquisa, em que, por meio deste quadro é possível ter acesso à disposição da lista do diário de classe. Embora em sala tenham matriculados 36 alunos, para efeito de análise, o recorte se deu com apenas 27 alunos. Vejamos o quadro a seguir do perfil dos sujeitos envolvidos na pesquisa com ênfase ao gênero e à faixa etária, considerando que todos estão cursando o ensino fundamental.

Quadro 2 – Do perfil dos sujeitos da pesquisa

	GÊNERO	ESCOLA	NÍVEL DE ESCOLARIDADE	IDADE
01	Feminino	Joaquim Murtinho	Fundamental	15
02	Masculino	Joaquim Murtinho	Fundamental	17
03	Feminino	Joaquim Murtinho	Fundamental	16
04	Masculino	Joaquim Murtinho	Fundamental	14
05	Masculino	Joaquim Murtinho	Fundamental	14
06	Masculino	Joaquim Murtinho	Fundamental	14
07	Masculino	Joaquim Murtinho	Fundamental	15
08	Masculino	Joaquim Murtinho	Fundamental	15
09	Feminino	Joaquim Murtinho	Fundamental	14
10	Masculino	Joaquim Murtinho	Fundamental	14
11	Masculino	Joaquim Murtinho	Fundamental	13
12	Masculino	Joaquim Murtinho	Fundamental	16
13	Masculino	Joaquim Murtinho	Fundamental	14
14	Masculino	Joaquim Murtinho	Fundamental	14
15	Feminino	Joaquim Murtinho	Fundamental	14
16	Masculino	Joaquim Murtinho	Fundamental	14
17	Masculino	Joaquim Murtinho	Fundamental	15
18	Masculino	Joaquim Murtinho	Fundamental	14
19	Feminino	Joaquim Murtinho	Fundamental	14
20	Feminino	Joaquim Murtinho	Fundamental	13
21	Masculino	Joaquim Murtinho	Fundamental	14
22	Feminino	Joaquim Murtinho	Fundamental	13
23	Feminino	Joaquim Murtinho	Fundamental	14
24	Masculino	Joaquim Murtinho	Fundamental	14
25	Masculino	Joaquim Murtinho	Fundamental	14
26	Masculino	Joaquim Murtinho	Fundamental	13
27	Masculino	Joaquim Murtinho	Fundamental	13
28	Feminino	Joaquim Murtinho	Fundamental	15
29	Masculino	Joaquim Murtinho	Fundamental	15
30	Feminino	Joaquim Murtinho	Fundamental	15
31	Feminino	Joaquim Murtinho	Fundamental	17
32	Feminino	Joaquim Murtinho	Fundamental	14
33	Feminino	Joaquim Murtinho	Fundamental	16
34	Masculino	Joaquim Murtinho	Fundamental	15
35	Feminino	Joaquim Murtinho	Fundamental	14
36	Masculino	Joaquim Murtinho	Fundamental	15

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora

2.5 Constituição do *corpus* da pesquisa

Este item tem por objetivo apresentar os procedimentos da metodologia aplicada na pesquisa-ação e a importância do estudo das charges para a compreensão e interpretação de textos com imagens.

O referencial teórico que deu aporte a pesquisa está centrado nos seguintes autores: Bakhtin (2006), Barros (2011), Brait (2008), Pietroforte (2008, 2017), Possenti (2007/2014/2017), Romualdo (2000), Rojo (2012). Estes estudiosos discutem em suas obras características que estão presentes no texto imagético verbal e não verbal e, de modo geral, acerca de linguagem e sua importância no processo de ensino e aprendizagem e no dia a dia do falante e do leitor.

Para a pesquisa em questão foram selecionadas algumas produções dos alunos do 8º ano B, elaboradas, com base nas aulas ministradas acerca do gênero charge e sua importância para o ensino de língua. Mas antes de chegarmos às produções, houve alguns passos/percursos seguidos no estudo que precisamos relatar, tais como questionários para conhecer a respeito dos conhecimentos prévios e posteriores sobre os assuntos estudados. Por meio do questionário foi possível ter a compreensão dos conhecimentos prévios acerca do conceito do que é a linguagem verbal e não verbal. Lembrando que nas primeiras respostas dos alunos, para a maioria deles, a linguagem verbal estava relacionada ao verbo e a não verbal a desenhos, imagem e um número menor de alunos não soube responder ao questionário, sendo que alguns responderam que não sabiam o que é a linguagem verbal e não verbal.

A partir dessas respostas dadas pelos alunos coube à pesquisadora entrar em ação para sanar essas dificuldades trazer mais conhecimento acerca do assunto, principalmente porque isso deveria ficar bem claro para os alunos, considerando que, a partir dali, eles passariam a participar de todas as atividades propostas como sujeitos das ações desenvolvidas no decorrer de toda a pesquisa.

O *corpus* central deste estudo são as produções das charges, mas também foram utilizadas várias atividades de interpretação de charges, questionários, vídeos, slides. Após

atividades individuais e coletivas de interpretação, na busca de compreender e detectar as características do texto chargístico como: humor, ironia, crítica e aspectos da linguagem verbal e não verbal, é que foram solicitadas atividades de produção de charges. As atividades aconteceram de modo individual e coletivo, depois foi organizada uma exposição para a comunidade escolar, em que outras turmas foram convidadas e puderam ter acesso ao material produzido pelo 8º ano B.

A seguir apresentamos o capítulo das análises, diagnóstico e averiguação dos conhecimentos de alunos do 8º ano do ensino fundamental sobre o gênero textual charge; as leituras críticas dos textos verbais e não verbais presentes na charge que passa pela análise dos recursos de humor, ironia e outras figuras de linguagem, encontradas nas charges estudadas, além de reflexão acerca da leitura da charge e sua importância para o ensino de língua. Como produto final, apresentamos as charges produzidas pelos sujeitos da pesquisa e a sua exposição para a comunidade escolar.

CAPÍTULO III

ANÁLISE DE DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

3.0 Fase exploratória

O campo da pesquisa escolhido para o presente estudo trata o ensino de língua portuguesa por meio do gênero textual charge. Esta como auxiliar do professor para trabalhar os textos imagéticos, visto que os alunos se identificam com esse gênero textual que trabalha o texto imagético simultaneamente ao texto verbal, porém os alunos não estão habituados a tratar esse tipo de textos que envolvem imagens e não os concebem como textos, propriamente dito. Para muitos deles, textos são compreendidos como um emaranhado de palavras. Porém é importante considerar assim como Antunes (2010, p.32) que “não falamos sozinhos, o texto que construímos é uma resposta à pergunta do outro, o texto é caracterizado por uma orientação temática [...] que se constrói a partir de um tema, de um tópico, de uma ideia central, ou de um núcleo semântico que lhe dá continuidade e unidade”. Assim, podemos inferir segundo Antunes (2010) que um texto não se constrói apenas de elementos gramaticais e lexicais, “o texto é um traçado que envolve material linguístico, faculdades e operações cognitivas, além de diferentes fatores de ordem pragmática ou contextual” (p.37).

A partir desta prerrogativa o desejo na pesquisa-ação é de que ao final das propostas que envolvam os pesquisados e pesquisador os alunos possam conceber a charge como um gênero textual, isto é, como um texto e que compreendam suas características e sua função social e comunicativa. E que a partir da charge adquiram possibilidades interpretativas e venham a produzir textos chargísticos críticos e conscientes das problemáticas que os cercam cotidianamente.

3.1 Diagnóstico com averiguação de conhecimentos de alunos do 8º ano do ensino fundamental sobre o gênero textual charge

A pesquisa-ação realizada neste estudo foi desenvolvida com uma turma do 8º ano B do ensino fundamental no período matutino. Na turma há 36 alunos regularmente matriculados. Antes de iniciar a proposta de estudo da charge foi elaborado um questionário para verificar o nível de conhecimento dos alunos sobre a linguagem verbal e não verbal presente na charge. Dos 36 matriculados, apenas seis não responderam ao questionário. Por meio desta atividade foi possível verificar conceitualmente o que para esses alunos é a linguagem verbal e não verbal. A seguir podemos visualizar o questionário aplicado à turma, o qual terá suas respostas analisadas e tabuladas cujos percentuais serão apresentados por meio dos gráficos, figuras e quadros.

Quadro 3 - Questionário aplicado à turma de 8º ano B

Questionário – Turma 8º ano B – Matutino
1. O que você entende por linguagem verbal?
2. O que é a linguagem não verbal?
3. Entre a linguagem verbal e não verbal qual você prefere para fazer suas leituras?
4. Quais são as suas dificuldades quando está realizando leituras com a linguagem verbal?
5. Para realizar leituras de imagens você tem alguma dificuldade?

Fonte: Quadro de questionário elaborado pela pesquisadora

Durante esta atividade a pesquisadora pode perceber que a turma se empenhou para responder às perguntas do questionário, foi um momento de indagação entre os alunos, a professora pesquisadora e o processo de aprendizagem do texto do gênero charge.

As respostas dos alunos estão organizadas no quadro a seguir (quadro 4) para uma melhor visualização.

Quadro 4 – Respostas dadas ao questionário pelos alunos envolvidos na pesquisa

ALUNO	PERGUNTA 01	PERGUNTA 02	PERGUNTA 03	PERGUNTA 04	PERGUNTA 05
Aluno1	Linguagem verbal é mais educado de falar	É como os adolescentes falam hoje em dia	Linguagem não verbal	Eu estou lendo, mas não consigo me focar	Não
Aluno2	NC	NC	NC	NC	NC
Aluno3	Quando há verbo na frase e no texto	Quando você deve interpretar um desenho	A linguagem verbal	Quando tem um verbo no texto	Sim, mas às vezes
Aluno4	São textos em cartazes e anúncios	É leitura de uma imagem	Não verbal	Não presto muita atenção	Não
Aluno5	Eu entendo que se tem que entender o verbo	Que não tem verbo	Verbal	Não tenho nenhuma dificuldade	Não
Aluno6	Linguagem verbal se faz lendo livros e outras coisas	Linguagem não verbal se faz por imagens e várias outras coisas	Prefiro a não verbal	Porque não gosto de ler	Tem várias vezes que eu não consigo entender algumas coisas na imagem
Aluno7	Eu entendo que tem que se entender o verbo	Que não tem verbo	Não verbal	Compreender a leitura	Não
Aluno8	É uma palavra que lemos no texto	É um foro que não usa palavra e sim imagens	A verbal	Não tenho	Às vezes
Aluno9	É quando há verbos no texto ou em frases	A linguagem não verbal é quando aparece em desenhos	Não sei	Nenhuma	Não
Aluno10	É quando usamos as palavras e não as imagens	Quando ao invés de usar palavras você usa imagens para descrever as coisas	Verbal	Nenhuma	Não

Aluno11	Linguagem verbal são frases, textos, tirinhas etc, na qual você lê e entende	Que não usa palavras e sim imagens, desenhos etc	Sinceramente prefiro ambos, mas entre um dos dois prefiro a leitura.	Quase nenhuma, apenas para falar frases longas, complexas	Não, consigo descrever alguma imagem facilmente
Aluno12	É quando você se comunica através de palavras, ou seja, é quando você está fazendo uma leitura	É quando você se comunica através de desenhos	A linguagem verbal	Não consigo prestar atenção no que estou lendo	Não
Aluno13	É a linguagem que se usa o verbo, com livros, cartaz e revista em quadrinho	Não se usa o verbo, como imagens e revistas em quadrinhos	Linguagem não verbal, porque tem imagens	As palavras e os significados	Não muitas
Aluno14	NC	NC	NC	NC	NC
Aluno15	É quando o verbo está na frase do texto	A linguagem não verbal é quando você deve interpretar um desenho	Não verbal	Não tenho dificuldades	Não tenho nenhuma
Aluno16	Na minha opinião a linguagem verbal não contém imagens somente palavras	Linguagem não verbal é a leitura somente com	Eu não me importo, prefiro tanto a leitura verbal, quanto a não verbal	É o local, o silêncio, com barulho você não consegue se concentrar com a leitura	Não, acho mais legal ler imagens, do que ler vários textos
Aluno17	Quando usamos a palavra e não as falas	Quando você não usa palavras, usa as falas	Linguagem verbal	Nenhuma	Não
Aluno18	A linguagem verbal são leituras com letras, tipo uma história escrita ou um questionário	São imagens tipo a professora passa um desenho no quadro e você tem que fazer a leitura da imagem	Eu prefiro a verbal porque você lê mais bem e entende e também orienta a sua inteligência se você lê todos os dias	A minha dificuldade são as vírgulas e quando tem que ler para meus colegas	Não. Porque você só vai falar do desenho

Aluno19	A linguagem verbal é quando o verbo está inserido na frase ou no texto	A linguagem não verbal é quando é só imagens e tenho que interpretar	A linguagem verbal	Poucas, demoro um pouco para entender, mas consigo mais ou menos.	Não, nenhuma
Aluno20	Linguagem verbal é mais educado e mais difícil pra mim	É como eu falo, é mais como os adolescentes falam	Linguagem verbal	Eu estou lendo mais, estou pensando em outras coisas, não consigo me focar na leitura.	Não
Aluno21	A linguagem verbal pode ser textos ou frases, mas é diferente da não verbal	É uma leitura que se faz com imagens	Linguagem verbal	Se tiver letras muito pequenas	Não
Aluno22	É quando o verbo está na frase	É quando há desenhos	A linguagem verbal	Não muitas	Sim, um pouco
Aluno23	Linguagem verbal e quando a verbo no texto ou em frases	A linguagem não verbal e quando devemos interpretar alguma coisa e quando principalmente há desenhos	A linguagem verbal	Não	Sim, só algumas
Aluno24	Linguagem verbal é um tipo de cartas com coisas escritas	Linguagem não verbal é imagens de desenhos, filmes e outras coisas, é leitura que se faz com imagens	Linguagem verbal	Quando vou ler para as pessoas tenho vergonha	Não
Aluno25	A linguagem verbal é um tipo de comunicação em forma de texto	A linguagem não verbal é um tipo de comunicação em forma de imagens	A linguagem verbal	A maior dificuldade é que você não entende muito bem o que o texto fala	Não, pois você entende o que a imagem está

					dizendo
Aluno26	Linguagem verbal é a forma correta de se falar	Linguagem não verbal é ler por imagens	Prefiro a não verbal	Se concentrar para a leitura	Não tenho nenhuma dificuldade
Aluno27	É a linguagem que se utiliza no texto	É quando não está na linguagem verbal	Com a linguagem verbal	Verbal	Sim, um pouco
Aluno28	NC	NC	NC	NC	NC
Aluno29	Quando há verbo na frase	Quando você deve interpretar um desenho	Verbal	Quando tem um verbo na frase	Não, mas, porém depende
Aluno 30	É quando o verbo está no texto	A linguagem não verbal é quando você deve interpretar um desenho	Não verbal	Não tenho dificuldade	Não
Aluno 31	NC	NC	NC	NC	NC
Aluno32	É a linguagem com escritas	É a leitura de imagens	A leitura verbal	Não há muitas dificuldades, pois tenho falta de concentração e atenção	Um pouco
Aluno33	NC	NC	NC	NC	NC
Aluno34	NC	NC	NC	NC	NC
Aluno35	Acho que é textos	Leitura de imagens	Nenhuma	Não gosto de ler	Talvez
Aluno 36	NC	NC	NC	NC	NC

Foi possível, por meio desta primeira atividade, examinar o conhecimento prévio dos alunos em relação à linguagem verbal e não verbal. De acordo com as respostas, muitos alunos associam linguagem verbal à noção de verbo, para eles é preciso ter o verbo na frase para que seja considerada como linguagem verbal.

Um determinado grupo respondeu que a linguagem verbal é um tipo de texto. E poucos conseguiram apresentar uma definição mais próxima da esperada pela pesquisadora. Porém, percebe-se que eles têm percepção do que é a linguagem verbal, embora neste questionário não soubessem expressar nas respostas a definição mais coerente do que se esperava acerca de linguagem verbal e não verbal.

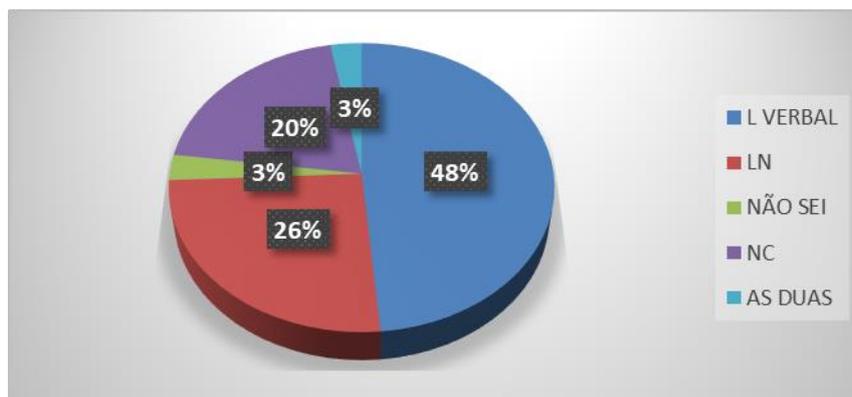
Em relação à pergunta número dois, a maioria dos alunos apresentou uma melhor percepção do que é a linguagem não verbal, com respostas como estas: *aluno 25*:

1. *“A linguagem não verbal é um tipo de comunicação em forma de imagens”, aluno 26:*
2. *“Linguagem não verbal é ler por imagens”.*

Na terceira questão, que trata da preferência entre as duas linguagens, 17 alunos responderam ter preferência pela linguagem verbal (LV) para realizar a leitura, pois já estão acostumados com esse tipo de leitura, 09 tem opção por ler imagens (LN), por ser algo mais atrativo e chamar a atenção durante a leitura visual, 01 aluno não soube responder, 01 aluno tem preferência pelos dois tipos de linguagem e 07 não compareceram às aulas no dia de realização das atividades propostas para este estudo (NC), isto é, no dia em que o questionário foi aplicado à turma de 8º ano B do ensino fundamental de uma escola pública de Ponta Porã-MS.

Vejamos os percentuais de uso das respostas dadas ao questionário, no gráfico a seguir.

Gráfico 01 – Dos percentuais de uso das respostas dadas pelos alunos

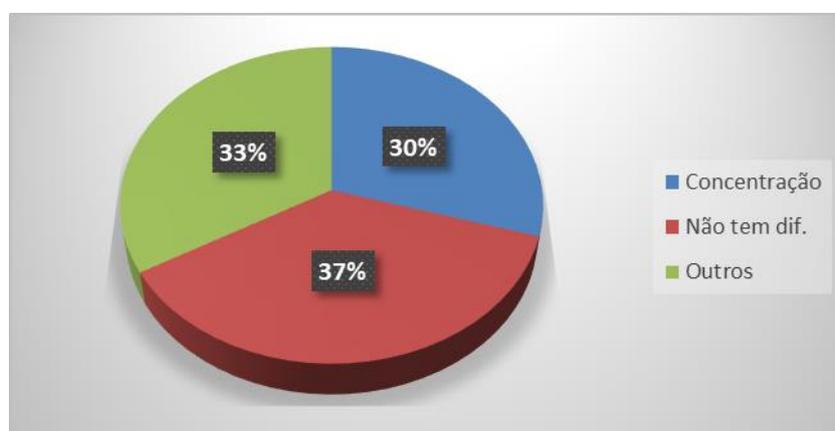


Fonte: Gráfico elaborado pela pesquisadora

Como podemos notar, por meio das porcentuais presentes no gráfico e dos números expressos em porcentagens, temos favoráveis à linguagem verbal 48% dos alunos presentes à aula no dia de aplicação do questionário e 26% apreciam a linguagem não verbal, 20% não compareceram e 1% não souberam responder e também não têm preferência entre as duas linguagens elaboradas e trabalhadas em sala nos textos das charges. Em relação à pergunta número quatro vemos o exemplo a seguir.

3. *“Quais são as suas dificuldades quando está realizando leituras com a linguagem verbal?”*

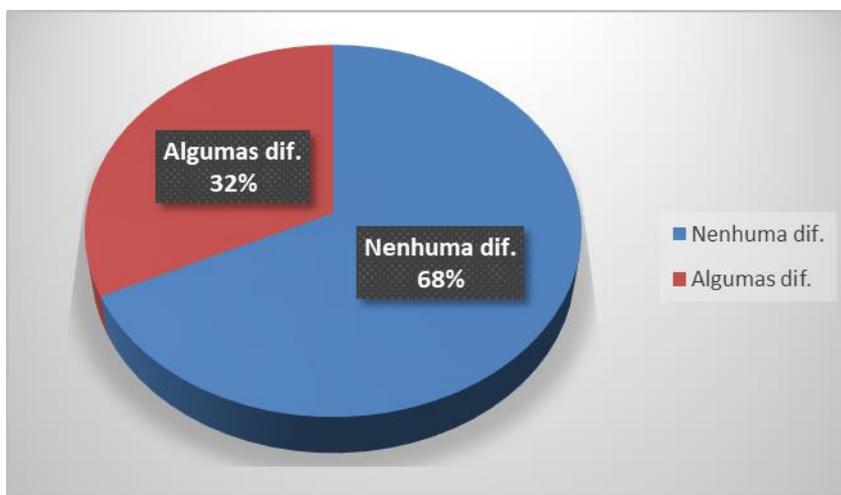
Gráfico 02- Das dificuldades de leitura



Fonte: Gráfico elaborado pela pesquisadora

Na resposta à pergunta número cinco: *Para realizar leituras de imagem você tem dificuldade?* Foram obtidas 27 respostas que conforme os gráficos a seguir e assim estão distribuídas:

Gráfico 03 – Das leituras de imagens



Fonte: Gráfico elaborado pela pesquisadora

Por meio da porcentagem de 68% podemos perceber a preferência dos alunos pela leitura da linguagem de imagens, que contrapõe a resposta aos dados apresentados no gráfico anterior, em que 48% preferem escolher a leitura de textos verbais. Esse dado reforça o quanto os textos imagéticos estão presentes em nossa sociedade e em nosso dia a dia, uma vez que são bem aceitos entre os alunos, atraem a atenção em atividades que envolvam a observação a partir das imagens.

Após os alunos terem respondido ao questionário, foram indagados a respeito do gênero textual charge. Alguns disseram que sabiam e responderam que eram desenhos engraçados. Outra parcela da turma não se manifestou acerca do assunto e alguns disseram que desconheciam o gênero textual charge.

Por meio das respostas obtidas no questionário foi possível planejar e organizar as próximas etapas das atividades, que visam o ensino dos conteúdos de língua portuguesa por meio do gênero charge, principalmente aqueles conteúdos referentes à produção, interpretação e análise de textos utilizando-se de mecanismos de coesão e coerência e outros recursos linguístico de figura de linguagem como: a ironia e o humor presentes nos textos das charges.

3.2 Leitura do texto verbal e não verbal presente na charge

Após análise dos questionários foi organizada a segunda etapa do estudo, em que os alunos foram convidados a irem ao auditório da escola, lá foram realizadas duas aulas, para retomar as respostas dadas por eles às perguntas do questionário proposto, um vídeo com explicações da linguagem verbal e não verbal também foi exibido para sanar possíveis dúvidas. Depois com uso do Datashow foram exibidos vários slides com tirinhas, charges, seguidos de explicações centradas no uso da linguagem verbal e não verbal bastante presente no texto das charges. Cada slide foi discutido com os alunos que participaram com atenção. As dúvidas em relação ao que é linguagem verbal e não verbal foram sanadas nesta etapa, conforme verificação da participação nas atividades orais de interpretação da linguagem verbal e não verbal realizada na sequência. A partir deste momento de aprendizado também foi explicado o conceito de linguagem mista, quando ocorre a presença da linguagem verbal e imagética simultaneamente.

A introdução do que é charge foi dada por meio do recurso do aparelho multifuncional Eproinfo integrado, que é possível projetar imagens, slides, etc. O conceito do que é charge foi apresentado à turma, que em outro momento realizou pesquisas na sala de tecnologia educacional sobre a charge, suas características e seu uso no processo de ensino e aprendizagem. As informações da pesquisa foram discutidas na aula seguinte para reforçar os conhecimentos que os alunos trouxeram acerca do assunto. Assim, foi elaborado um material com slides contendo várias charges, além da distinção entre charge, caricatura e cartum e as suas principais características. Nesta aula, os alunos participaram com suas opiniões e observações acerca do gênero trabalhado. A questão da presença do desenho enquanto texto que contém informação foi bem destacada, a conscientização de que a imagem nos transmite informação e que passa a ser um texto visual, foi enfatizada por Romualdo (2000, p.34) ao ressaltar que:

A charge é um texto visual desenhado e, enquanto tal, possui algumas características comuns a todos os desenhos. O seu caráter icônico, na sua totalidade, pode ser convertido a formas mais reduzidas, a elementos gráficos mínimos como o ponto, as linhas (verticais, horizontais, curvas, sinuosas - regulares e irregulares -, quebradas e

mistas), e as massas (superfícies escuras ou hachuras), que variam de intensidade e podem assumir as mais diversas formas.

Imagens foram projetadas para que os alunos, durante as exposições dos conceitos de charge, pudessem observar a importância do texto imagético e como este dá vida às charges. Vejamos as características do texto chargeico, a seguir.

Figura 5 – Característica do texto imagético



Figura 6 – característica das imagens na charge

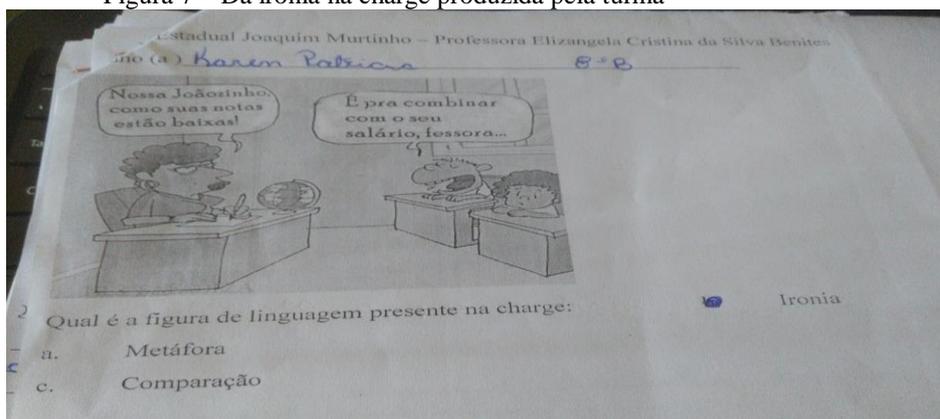


A partir deste momento várias atividades de leitura e interpretação de charges, orais e impressas, foram desenvolvidas atividades com os alunos para trabalhar as características do texto imagético, de modo especial, a charge, objeto de nosso estudo.

3.3 Análise dos recursos de Humor, Ironia e outras figuras de linguagem, encontradas nas charges estudadas

A produção a seguir enfatiza a ironia que se trata de uma figura de linguagem bastante presente no texto imagético, de modo especial, no texto da charge.

Figura 7 – Da ironia na charge produzida pela turma



Fonte: Figura que trata da ironia na charge produzida pela turma

Neste item foram trabalhadas atividades para provocar no aluno momentos de reflexão acerca do assunto, discutindo diferentes acontecimentos do dia a dia, por meio de texto chargístico que trouxeram características fundamentais como: o humor e a ironia.

Para melhor compreensão dos dados as atividades foram selecionadas, arquivadas e tabuladas para posterior análise dos resultados desenvolvidos no decorrer da pesquisa, no sentido de verificar o que os alunos conseguiram compreender do tema em estudo e em que o assunto tratado contribuiu para a sua compreensão do que é o gênero charge e como o professor pode se utilizar desse recurso para o ensino de língua em sala de aula.

As atividades que foram utilizadas com os alunos exigiram o conhecimento da figura de linguagem “ironia”, figura bastante marcante nos textos imagéticos das charges. Destacamos o sentido da ironia conforme salientado por Brait (2008) em sua obra *“Ironia em perspectiva polifônica”*, em que há dois sentidos para a palavra ironia, o primeiro o referencial e o segundo o sentido verbal, que segundo Brait (2008, p.78) ressalta que: “A ironia verbal implica um trio compactual: o locutor (A1) que dirige certo discurso irônico para um receptor (A2) para caçoar de um terceiro (A3) que é alvo da ironia”.

Na charge em questão o espaço apresentado é a sala de aula, a professora chama a atenção do aluno para a nota baixa que tirou na avaliação, o aluno demonstra desinteresse e responde a professora de modo irônico: “É pra combinar com o seu salário professora”. Fica claro o desrespeito com a figura do professor, apresentando

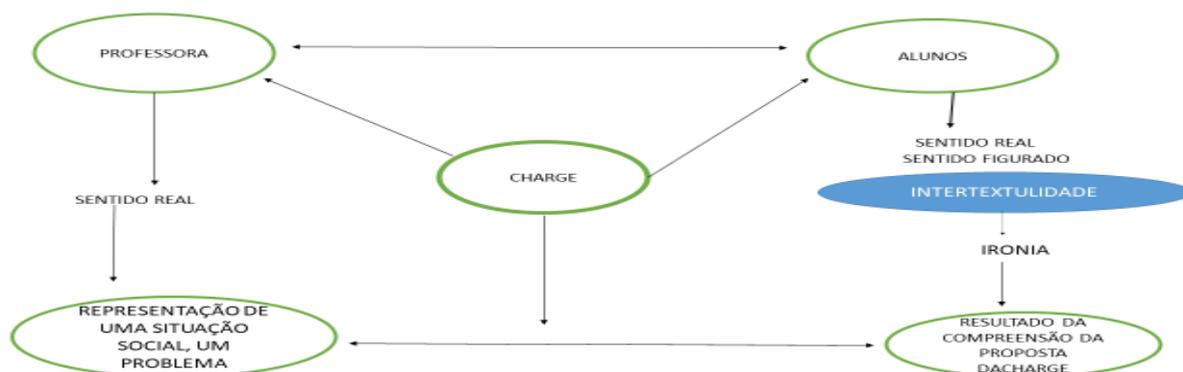
uma situação que infelizmente muitos docentes enfrentam em seu trabalho no dia a dia. Conforme o dado a seguir é possível evidenciar o percentual de compreensão dos alunos para identificar a figura de linguagem (ironia) presente na atividade selecionada.

Além dos exercícios propostos, as atividades referentes à oralidade foram contempladas nas questões de variação linguística, quando a personagem do aluno da charge diz: É pra combinar com o seu salário professora. A turma verificou a questão da norma padrão da língua e a marca da oralidade presente. Em que a escrita e a fala segundo as normas ficaria assim: “È para combinar com seu salário professora”.

Por meio desta atividade foi reforçada a questão de que a oralidade permite esse tipo de variação linguística, uma vez que na oralidade os acontecimentos são dinâmicos e repetitivos como forma de dar ênfase ao assunto tratado.

O percurso do leitor desta charge é permeado por uma situação real representada pela personagem da professora. A questão crítica pretendida pelo autor da charge é representada pela figura do aluno, em um contexto escolar de sala de aula. No momento em que o aluno responde à professora “É pra combinar com seu salário professora”, ele faz o percurso que pode ser apresentado no organograma da figura 8, a seguir, em que pode-se inferir que o aluno compreende a problemática social em envolvem os salários dos professores e se utiliza da ironia para demonstrar e expor sua atitude diante do fato de a profissão de “professor” ser tão desvalorizada no Brasil. Além de valer-se de outras leituras, apresentadas por outros tipos textuais que permearam o assunto do baixo salário dos professores. O que configura uma questão de intertextualidade, isto é, o aluno se utiliza de conhecimentos prévios ao expor seu pensamento acerca de um assunto tão polêmico

Figura 8 – Organograma do processo de construção e interpretação da charge



Fonte: Organograma elaborado pela pesquisadora

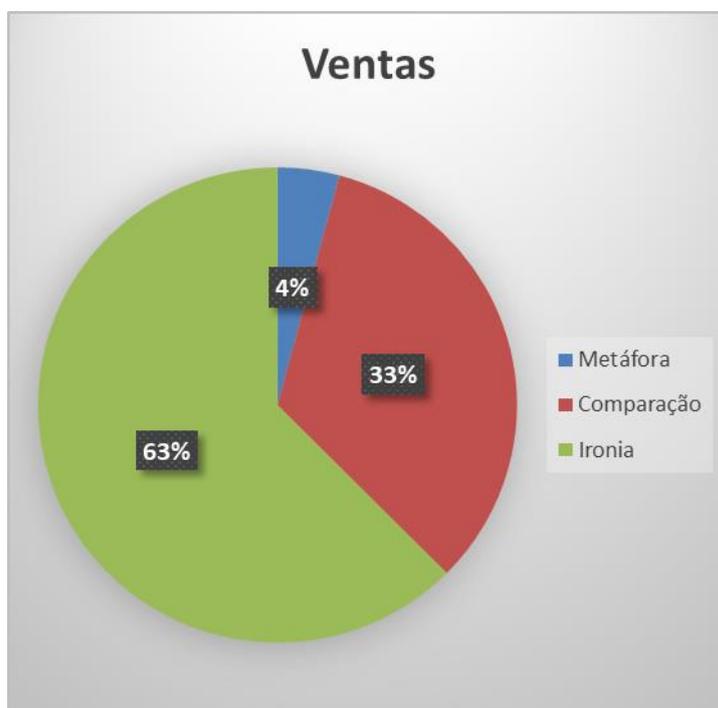
A partir da resposta dada pelo aluno depreende-se que este acionou outros conhecimentos do assunto, que em momentos distintos foram apresentados por textos diferentes, tais como os midiáticos, impressos etc. Denota-se ainda que o aluno acionou os intertextos de sua vivência para responder à questão, o que denomina-se do recurso da intertextualidade.

Quadro 5 – Figura de linguagem

Opções	Respostas
Metáfora	01 aluno
Comparação	08 alunos
Ironia	15 alunos

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora

Gráfico 4 – Percentuais de uso das figuras de linguagem



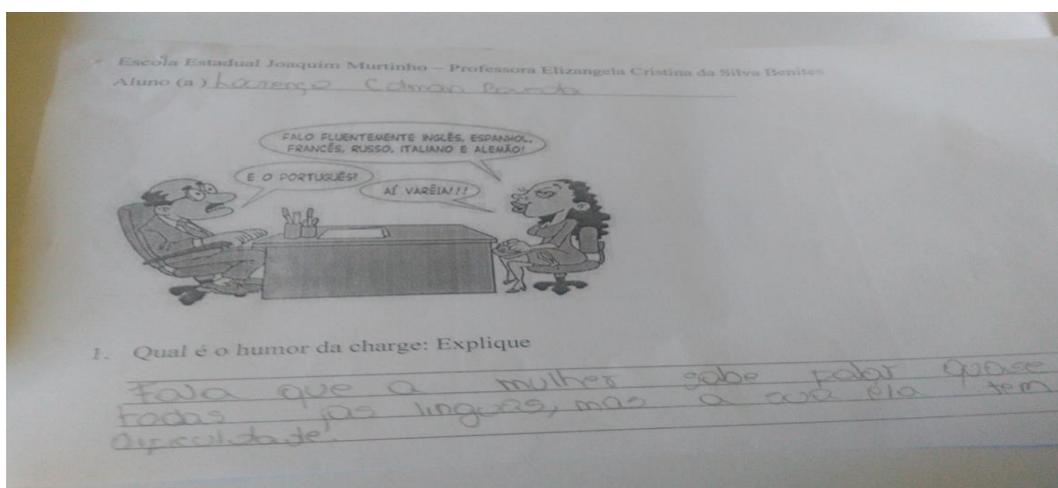
Fonte: Gráfico elaborado pela pesquisadora

Interpretando os dados do gráfico 4, constata-se a compreensão e identificação da figura de linguagem ironia em um grupo que realizou as atividades proposta naquele dia, que estavam presentes um total de 24 alunos, que apresentaram um percentual significativo de uso com relação ao entendimento do que é ironia em que 63% responderam a opção correta (15 alunos), 32% não perceberam naquele momento, ou não compreenderam o tom irônico da linguagem e concluíram que era apenas uma comparação do baixo salário da professora, ou seja, esse segundo grupo de alunos não entendeu ou não prestou a atenção às principais características da ironia no texto da charge apresentada ao grupo.

Outra característica presente na charge é o humor que além de provocar o riso, neste gênero, a intenção principal é causar uma reflexão, uma crítica aos fatos corriqueiros do dia a dia. Conforme salienta Romualdo (2000, p.48): “[...] neste item, focalizaremos o que consideramos outro traço básico das charges, o humor, buscando mostrar um pouco da problemática do humor e do riso, e a importância deles nos textos chárnicos”.

Exemplo de atividade desenvolvida na turma:

Figura 9 – Percepção do humor na charge



Fonte: Figura com percepção do humor na charge

Nesta etapa trabalhamos com a percepção do humor, em que foi possível verificar que a maioria dos alunos não tiveram dificuldades em compreender o humor proposto na charge. Obtivemos as respostas a seguir:

4. *“Fala que a mulher sabe falar quase todas as línguas, mas a sua ela tem dificuldade”.*
5. *“Ela fala fluentemente todos os outros idiomas corretos, já no Português ela coloca gírias no lugar das palavras corretas”.*

Apenas dois alunos responderam outras situações que não correspondem à desejada pela pesquisadora, ou a mais próxima possível da atividade proposta. A facilidade para entendimento e compreensão desta atividade pode se dar pelo uso do humor, que é um recurso agradável, e os alunos apreciam quando há atividades com textos com sentido humorísticos. Romualdo (2000, p.19) em sua obra “Charge Jornalística: intertextualidade e polifonia” discutem essa questão da aceitabilidade do texto com humor ao ressaltar que:

A charge é um tipo de texto que atrai o leitor, pois, enquanto imagem é de rápida leitura, transmitindo múltiplas informações de forma condensada. Além da facilidade de leitura, o texto chágico diferencia-se dos demais gêneros opinativos por fazer sua crítica usando constantemente o humor.

O humor passa a ser um recurso agradável para auxiliar na compreensão dos conteúdos trabalhados nas aulas de língua portuguesa. Na dissertação de Mestrado defendida por Moraes (2015) “Estudos de piadas: A importância dos textos humorísticos nas aulas de Língua Portuguesa” é possível observar que o texto humorístico como as piadas, por exemplo, é um material de singular e de suma importância para o ensino de língua portuguesa em sala de aula. Corrobora nas questões de leitura, interpretação e análise linguística, além de despertar o senso crítico dos alunos com relação às questões sociais.

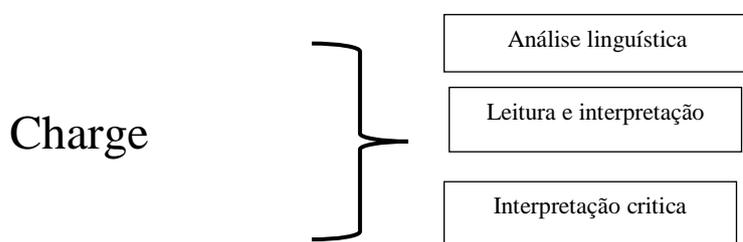
Na dissertação Moraes (2015) trabalhou o ensino da língua portuguesa, fazendo uso de textos humorísticos, de modo especial as piadas. Que são textos curtos e permeiam distintos meios sociais, apresentam coerência e coesão. O pesquisador teve como objetivos em seu trabalho, identificar a estrutura dos elementos linguísticos presentes no texto de humor, partindo deste como enfoque principal de sua pesquisa.

Os textos humorísticos são um prazeroso recurso para o ensino de língua portuguesa, comprovado nas experiências de (MORAES, 2015, p.70) ao ressaltar que:

Trabalhar com textos humorísticos, ao contrário de ser um meio de fuga à proposta escolar, torna-se exatamente um ato prazeroso e pode transformar a realidade da atitude apática dos alunos em relação ao aprendizado de LP, já que eles são seres curiosos, dinâmicos e ativos diante de suas descobertas (GIL, 2011). Além disso, podem ser utilizados vários recursos tecnológicos para se trabalhar os textos humorísticos, tornando as aulas muito mais dinâmicas e atrativas para eles.

A charge contempla os elementos do humor para o ensino da língua portuguesa e pode contribuir para a realização de aulas mais dinâmicas e divertidas, sem perder o foco da aprendizagem de conteúdo, principalmente aqueles conteúdos mais complexos, além de possibilitar uma interação social entre os envolvidos no processo da comunicação e de interação linguística. Na análise da Figura 8, por exemplo, o humor foi perceptível e favoreceu a interpretação crítica do leitor, levando o aluno a fazer uso de outras inferências de leituras realizadas anteriormente para complementação dos efeitos de sentido presentes no texto/imagem da charge.

Algumas possibilidades de aprendizagem com a charge da figura 8

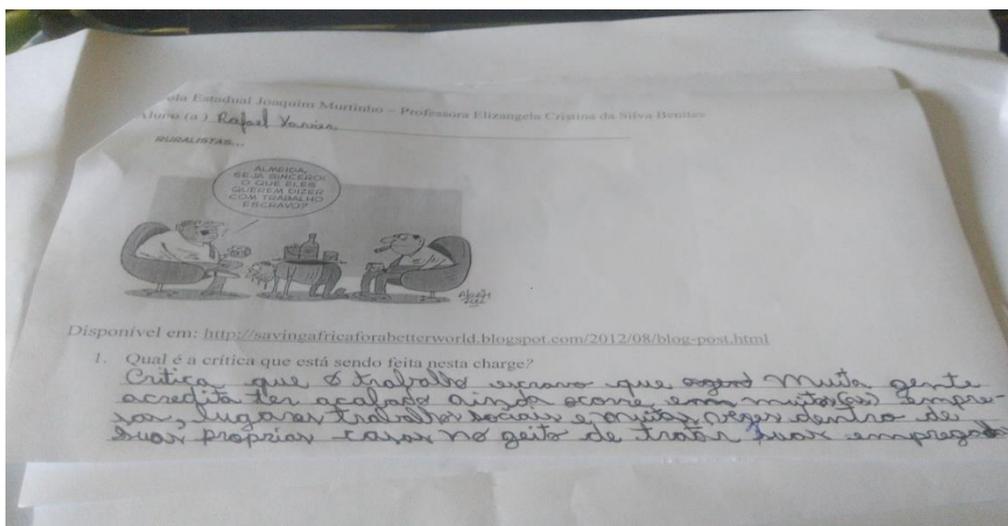


Fonte: Figura elaborada pela pesquisadora

Possenti (2018, p.12) observa que os textos humorísticos acabam sendo utilizados geralmente para tratar questões de interpretações “sua função, seu alvo, sua origem, suas técnicas, seu fundo cultural etc.- mas uma análise de sua “língua” é rara.

3.4 Análise da crítica nos textos chargísticos por meio de leitura e reflexão

Figura 10 – Reflexão crítica da charge



Fonte: Figura que traz reflexão crítica acerca da charge

A intenção da charge é provocar no leitor uma reflexão crítica para analisar a realidade que o envolve. Para Romualdo (2000, p.30), “Os textos chárgicos transmitem informações (informatividade), utilizando o sistema pictórico, ou sincreticamente o pictórico e o verbal. Os chargistas colocam neles suas opiniões, suas críticas a personagens e fatos políticos (intencionalidade)”.

Nesta atividade, a proposta era identificar qual seria a crítica existente na charge, além da linguagem verbal, os alunos teriam que analisar a imagem, pois esta é imprescindível para compreensão total da crítica contida na charge. No dia da atividade estavam presentes na sala apenas 19 alunos, os resultados obtidos a partir de suas respostas foram os seguintes:

Quadro 6 – Atividades propostas

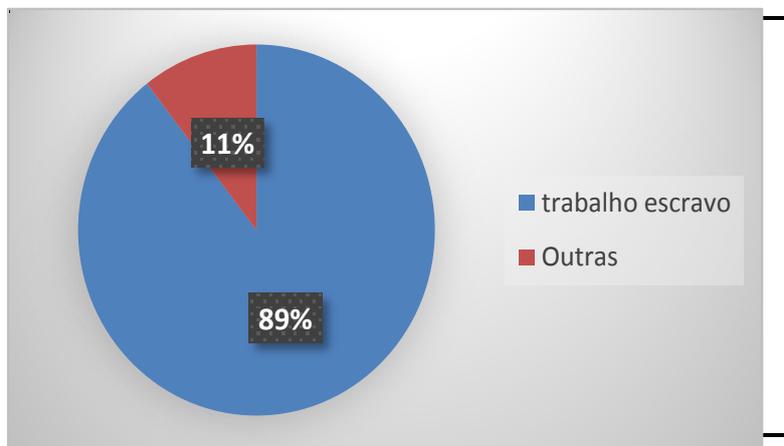
ALUNOS - RESPOSTAS	RESULTADOS
Relacionada ao trabalho escravo, exploração	17 alunos
Outros	02

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora

Uma das respostas que comprova a compreensão da charge é a seguinte: Aluno: R. X.: “Crítica o trabalho escravo que muita gente acredita ter acabado, ainda ocorre em

muitas empresas, lugares, e muitas vezes dentro de suas próprias casas no jeito de tratar suas empregadas”.

Gráfico 5 – Imagens para entender o texto



Fonte: Gráfico elaborado pela pesquisadora

A partir dos resultados do gráfico, nota-se uma porcentagem de 89% de acerto nas respostas, a imagem ajudou os alunos a chegarem à conclusão de que o uso da linguagem verbal e não verbal, simultaneamente, pode contribuir para o entendimento da intenção de efeito de sentido transmitido pela charge. Esta faz uma crítica ao modo de como algumas pessoas tratam seus funcionários, não percebem ou fingem não perceber que não sabem o quanto estão explorando o trabalhador. Outras atividades foram realizadas no decorrer das aulas, ressalta-se que foram selecionadas apenas algumas para a discussão ocorrida em sala de aula. A seguir alguns dados de leitura e interpretação.



Disponível em: <http://piadavisual.blogspot.com/2016/05/olimpiadas-rio-2016.html>

Para desenvolver a atividade, primeiro foi perguntado para turma de que lugar seria essa charge? De qual período? Pois sabemos que a charge trata de situações cotidianas, acontecimentos específicos, conforme cita Romualdo (2000, p.33): “Por focalizar uma realidade específica, ela se prende mais ao momento, tendo, portanto, uma limitação temporal”. Os alunos lembraram-se da olimpíada do Rio de Janeiro que ocorreu no ano de 2016. A charge foi contextualizada com a turma, e a partir de então foi possível realizarem as atividades propostas. Em outro momento foi feita a reflexão acerca deste período que ocorreu no Brasil, em que ficou clara a compreensão em relação à crítica que o chargista fez. Houve vários questionamentos por parte dos alunos como:

6. *“Ao invés de gastar dinheiro com as olimpíadas deveriam construir hospitais e melhorar as escolas”.*
1. Analisando a charge acima quais são os elementos não verbais que comunicam informações no texto?
 2. Como podemos interpretar a charge?
 3. Mediante a charge explique qual é a crítica que está sendo feita.
 4. Observe a charge e escreva um parágrafo sobre o assunto tratado na charge.
 5. Qual é o humor contido na charge?

Figura 12 – Desigualdades sociais



Fonte: Figura que trata da desigualdades sociais
https://decifrandotextosecontextos.blogspot.com/2016/05/atividade-de-interpretacao-genero_21.html

01. A charge em análise tem como objetivo principal:

- a) Fazer uma crítica social a partir de uma cena humorística.
- b) Promover uma reflexão sobre o uso exagerado de tecnologias pelas crianças.
- c) Retratar a dura realidade dos pedintes nas grandes metrópoles brasileiras.
- d) Provocar uma reflexão sobre a péssima distribuição de renda no Brasil.
- e) Fazer uma crítica sobre a alta taxa de natalidade nas camadas mais carentes da população.

02. Na charge, além das imagens, outro recurso importante é a linguagem verbal. Ao analisar a linguagem utilizada pelo pai e pela mãe, podemos inferir que:

- a) As duas linguagens estão no mesmo nível coloquial e não diferenciam os personagens.
- b) O pai usou um termo em inglês e a mãe usou o mesmo termo traduzido para o português.
- c) A linguagem utilizada pela mãe está no sentido conotativo e a do pai no sentido denotativo.
- d) A linguagem utilizada pelo pai caracteriza a linguagem urbana e a linguagem utilizada pela mãe caracteriza a linguagem interiorana.
- e) A forma de falar é mais um elemento da charge que mostra a questão da desigualdade social e cultural dos personagens.

03. Em “Fio, ocê vai I pede”, pode-se observar uma linguagem do tipo:

- a) Formal, porque respeita as regras gramaticais.
- b) Técnica, porque representa termos próprios de uma profissão.
- c) Coloquial, porque caracteriza uma linguagem simples e popular.
- d) Literária, porque foi usada no sentido figurado.
- e) Informal, porque está presente no cotidiano de pessoas com bom nível de instrução.

Percebe-se ao longo das atividades que os alunos foram se familiarizando com o gênero charge e à medida que as aulas foram sendo desenvolvidas, nota-se a melhora na compreensão do gênero a partir dos textos analisados, como podemos evidenciar na atividade realizada em sala pelos sujeitos da pesquisa. Esta compreensão da charge exigiu alguns percursos do leitor tais como referências intertextuais, dialogismo, além dos mecanismos de leitura e interpretação textual e de coesão e coerência. O assunto, assim como o título do texto “Desigualdades Sociais”, é retratado constantemente nos meios de comunicação, e caracterizam a charge que, segundo Ramos (2009), “A charge é um tipo de texto que aborda algum fato ou tema ligado ao noticiário. De certa forma, ela recria o fato de forma ficcional, estabelecendo com a notícia uma relação intertextual”.

A questão da desigualdade social tratada no texto é contemplada em diversos meios de comunicação próximos dos alunos, como: telejornais, notícias em blogs,

jornais eletrônicos etc, o que facilitou a relação intertextual desses textos com a charge da questão e a compreensão por parte dos alunos envolvidos no estudo.

Figura 13 – Melhora na compreensão do gênero

Escola Estadual Joaquim Murtinho – Professora Elizangela Cristina da Silva Benites
Aluno (a) maxiely 8ºB



1. Qual é o assunto desta charge?

É que o fato que está errado é dos desempregados, por falta de empregos e as pessoas ficam desempregadas em busca de emprego.

Figura 14 – Melhora na compreensão da charge

Escola Estadual Joaquim Murtinho – Professora Elizangela Cristina da Silva Benites
Aluno (a) Itáris Medim 8ºB



Qual é o assunto desta charge?

O assunto fala sobre a falta de emprego no nosso país.

Fonte: Figura que trata da melhora na compreensão da charge

Para a realização do exercício desta charge solicitou-se aos alunos a compreensão do assunto, pois se trata da questão do desemprego no país que é bastante preocupante e, por meio das atividades realizadas, obtivemos respostas como:

7. Resposta: “È que a fila que esta nela é dos desempregados, por falta de emprego e as pessoas ficam desesperadas em busca de emprego
8. Resposta: “O assunto fala sobre a falta de emprego no nosso país”.
9. Resposta: “O Brasil está passando por um grande desemprego”.

Na resposta deste aluno, verifica-se que ele conseguiu ir além da leitura proposta, ao relacionar e inferir outros problemas recorrentes no país: “Fala sobre a crise de desemprego e as grandes filas no Brasil nos hospitais”. Nota-se que além da questão do desemprego ele conseguiu realizar uma leitura intertextual, remetendo ao assunto dos problemas da lotação nos hospitais, ou seja, remetendo a problemas que têm acontecido no Brasil e no mundo.

3.5 PRODUTO FINAL: Charges produzidas pelos sujeitos da pesquisa

Nesta etapa após várias atividades de leitura, interpretação tanto com atividades orais como impressas, na tentativa de enfatizar as características deste gênero textual e buscar com que os alunos pudessem, ao se depararem com um texto imagético, lerem além do desenho. Assim, foram solicitadas atividades de produção de charges a partir das características trabalhadas em sala de aula. Para tanto, os alunos teriam que elaborar charges pensando nas características que foram apresentadas durante as aulas de forma a contemplar figuras de linguagem como ironia, humor e outras. Assim, deste modo, poderiam demonstrar seu aprendizado em relação ao gênero textual charge. E a partir delas evidenciar que nosso objetivo é que eles pudessem compreender que a charge é um gênero textual que tem como função analisar a realidade e expressar pensamentos críticos, isso foi em boa parte concretizado. Houve atividades individuais e em grupo, as charges elaboradas pelos alunos foram apresentadas para a turma em forma de grupo, cada grupo apresentou a sua produção, ou seja, os integrantes de modo sucinto, emitiram comentários da charge feita pelo grupo.

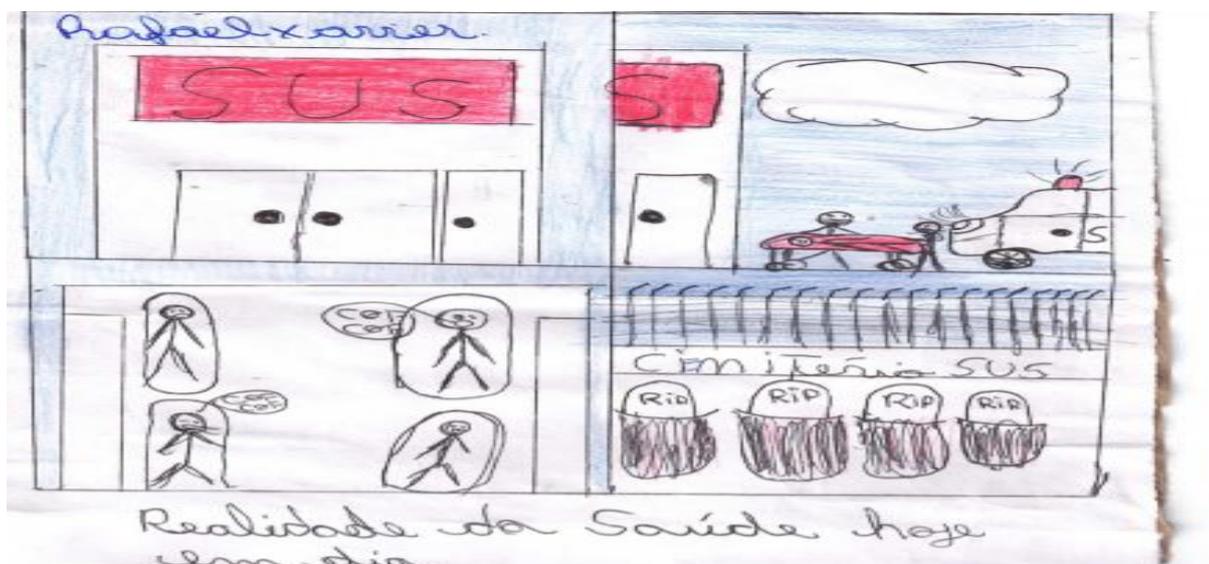
Vejamos a seguir algumas produzidas pelos alunos envolvidos na pesquisa



Charge 1- Hospital



Charge 2 – Posto de saúde



Charge 3 – Realidade da saúde

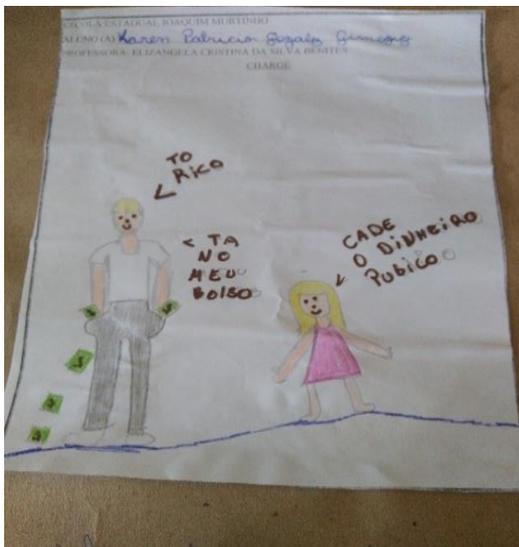
As charges número 1, 2, 3 confeccionadas por alunos do 8º ano B, abordam questões da saúde pública. Em todas as charges apresentadas os alunos fizeram uso da linguagem verbal e não verbal. Na primeira entende-se que uma pessoa chegou ao hospital para ser atendida, está em uma maca aguardando atendimento. No entanto, isso ainda não ocorreu na charge, e percebe-se por meio da fala das personagens:

10. *Eles vão atender agente quando:*

11. *Quando atender o rico.*

Na charge número 2, uma pessoa chega ao SUS doente, tossindo, essa pessoa provavelmente não foi bem atendida ou não chegou a receber atendimento, vindo a óbito, o que retrata a situação dos hospitais públicos hoje no país.

A número 3 enfatiza a falta de remédios, a crítica feita aos políticos que gastam o dinheiro público de modo inapropriado.



Charge 4 – Gastos de dinheiro público



Charge 5 - Escolha do Presidente



Charge 6 - Das eleições



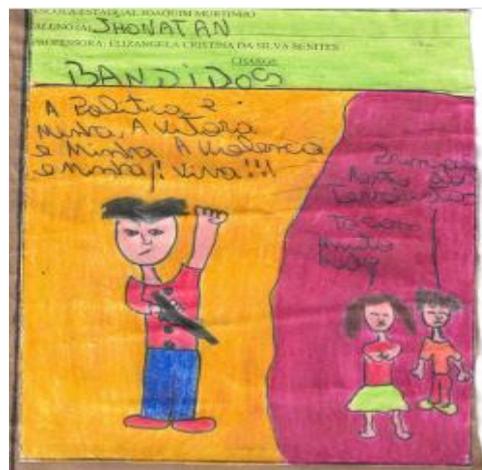
Charge 7 – Do pleito eleitoral

Levando em consideração que a charge é um texto que remete a questões contemporâneas, com temas atuais, em que segundo Romualdo (2000, p.33) a charge é um tipo de texto de caráter temporal, visto que “compreenderemos a charge como o texto visual humorístico que critica uma personagem, fato ou acontecimento político específico. Por focalizar uma realidade específica, ela se prende mais ao momento, tendo, portanto, uma limitação temporal”.

Deste modo, percebemos o quanto a elaboração das charges recebeu influências do momento em que estávamos passando, pois no ano de 2018 tivemos eleições e o assunto da política no país estava sendo muito discutido, inclusive pelos alunos da turma estudada. O que refletiu na maioria das charges feitas por eles. Das charges selecionadas do número quatro até a dez refletem o período político, pois fazem menção ao comportamento dos políticos e refletem o descontentamento da população com as pessoas que nos representam politicamente.



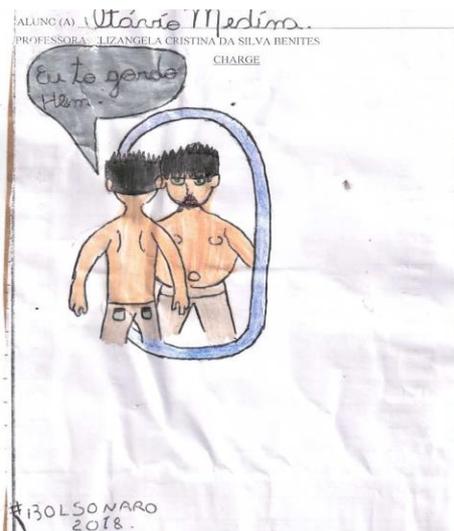
Charge 8 - Esperança do povo



Charge 9 – Política vs violência



Charge 10 – Esperança do povo com as eleições

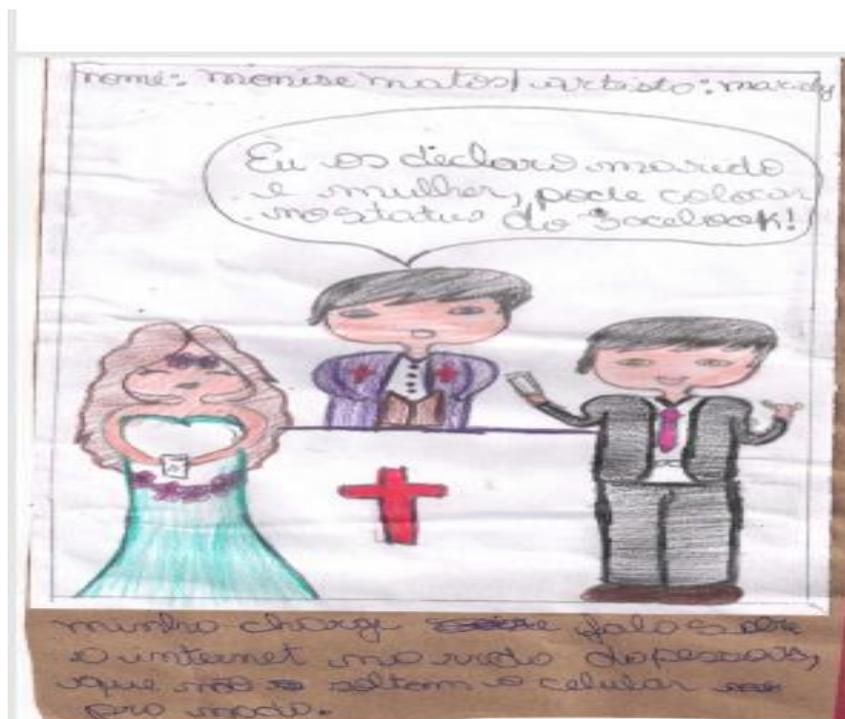


Charge 11- Regime



Charge 12- A pobreza no Brasil

As charges 11 e 12 discutem questões de comportamento emocionais, tratando o racismo, preconceito, a preocupação com a estética, bulimia. São assuntos que infelizmente acontecem nos ambientes escolares e em outros ambientes em pleno século 21.



Charge 13- Casamento em tempos modernos

A charge número 13 discute a influência da internet em nossos comportamentos demonstrando o quanto as pessoas estão cada vez mais dependentes dos recursos tecnológicos, não conseguindo se desvincular do aparelho celular nem em momentos tão importantes como é o caso retratado na charge, o rapaz no altar e a noiva ambos com o aparelho celular em mãos e a fala do padre: “*Eu os declaro marido e mulher, pode colocar no Status do Facebook!*”. A fala do padre normalmente deveria ser” *eu os declaro marido e mulher, pode beijar a noiva*”. Veja que o padre inovou na sua linguagem ao atender às necessidades de comunicação na modernidade.

3.6 Exposição das produções das charges para a comunidade escolar

Conforme salientamos este trabalho é norteado pela pesquisa-ação, em que uma das etapas é a divulgação externa dos resultados obtidos. Sendo este momento de grande valia para todos os envolvidos. Conforme explica Thiollent (2018, p.81): “Além do retorno da informação aos grupos implicados, também é possível, mediante acordo prévio dos participantes, divulgar a informação externamente em diferentes setores interessados”.

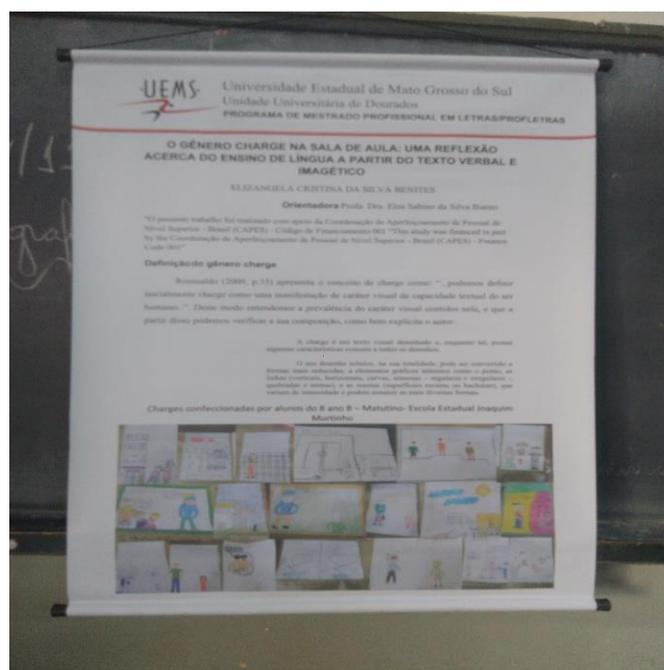
Há, porém, aqueles que não são favoráveis à divulgação externa dos resultados, pensam que os envolvidos que participaram do processo, já o conheceram no decorrer do estudo. Já outros veem a necessária de divulgação para que outras pessoas possam contemplar a pesquisa e socializar os conhecimentos obtidos. Acreditamos ser válida a exposição à comunidade envolvida no trabalho, o mesmo apresentado nesta dissertação foi exposto nos murais da escola, em banner e um site de jornal eletrônico da cidade⁴.

Após a elaboração das charges os alunos foram divididos em grupos apresentaram para a classe o que eles conseguiram confeccionar. Conferir em anexo as fotos ilustrativas da apresentação para a turma.

⁴ (<https://www.pontaporainforma.com.br/noticias/educacao/mestranda-da-uems-realiza-trabalho-os-alunos-da-escola-estadual-joaquim-murtinho-de-ponta-pora>).

Após a apresentação para a turma, o material utilizado foi exposto no mural da escola, para que toda a comunidade escolar tivesse acesso, em seguida as charges foram escaneadas para confecção de um banner para apreciação de toda a comunidade escolar.

Figura 15 – Modelo de banner para divulgação das charges



Fonte: figura elaborada por alunos e professora

A apreciação do trabalho realizado a partir pesquisa-ação foi possível por meio da exposição do banner, cujos objetivos são de apresentar parte dos resultados de uma ação conjunta e compartilhada entre os membros da comunidade escolar, no caso, alunos, docentes e funcionários da escola Joaquim Murtinho.

Como resultado das atividades desenvolvidas ao decorrer da pesquisa-ação, temos as charges produzidas pelos alunos envolvidos na pesquisa, e que por meio delas é possível verificar a produção de novo conhecimento, no qual os envolvidos ressignificaram sua prática de produção de texto, de modo crítico e atuando na realidade que os cercam.

E o resultado da pesquisa de acordo com Thiollent (2018) é fruto de uma ação coletiva em que o pesquisador e pesquisados estão diretamente envolvidos na busca de

mudanças de paradigmas e, de modo especial, na qualidade do ensino e aprendizagem de língua, uma vez que para Thiollent (2018, p.20):

Entre as diversas definições possíveis, daremos a seguinte: a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

O objetivo da apresentação das charges para a comunidade escolar, na forma de banner, é demonstrar que o problema identificado no decorrer da pesquisa nas questões de os alunos saberem o que é charge, suas características, o tipo de linguagem, a crítica existente nesses textos foi em grande parte esclarecida no decorrer da pesquisa. Assim como apresenta Thiollent (2018, p.21) em um dos objetivos da pesquisa-ação: “O objetivo da pesquisa-ação consiste em resolver ou, pelo menos, em esclarecer os problemas da situação observada”.

Conforme depoimentos escritos pelos alunos, é gratificante saber que a pesquisa pode auxiliá-los na contemplação e compartilhamentos de novos conhecimentos acerca de produção textual a partir do gênero charge. A seguir alguns relatos dos alunos:

*Aluno Lourenço: “A linguagem verbal e a não verbal, me ajudou muito a aprender coisas novas.
Me ajudou a diferenciar várias coisas, agora eu sei e posso diferenciar texto, crítica, charge etc.*

Foi muito interessante aprender isso, porque é uma coisa nova e vai me ajudar no futuro”.

Aluna Nayara Jasmim: “A linguagem verbal e não verbal me ajudou muito para interpretar, mas o que ela quer mostrar eu antes preferia uma só, mais agora gosto das duas, é muito bom. Aprendi mais sobre a charge, crítica e texto, também mostra sobre os problemas do Brasil e do mundo.

Essas coisas me ajudaram muito na minha interpretação e meu modo de pensar. Eu fiz muitas charges falando principalmente sobre políticos criticando sobre as, mas funções dos políticos. Acho que a charge é uma forma de falar o que pensam as pessoas”.

Aluno: Lucas Vinícius

“Com as charges aprendi a apreciar a leitura de textos e de imagens”

Aluno: Silvio Medina

“A charge me ajudou muito no desenvolvimento dos estudos, a charge pode fazer críticas ao nosso dia-dia.”

Os depoimentos escritos pelos alunos envolvidos na pesquisa denotam que eles adquiriram novos conhecimentos e obtiveram melhoria em questões de produção e interpretação textual, linguagem verbal e não verbal e principalmente a percepção do que é charge e de que ela pode ser um auxiliar do processo de ensino de língua em sala de aula.

Figura 16 – Banner para divulgação das charges



Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Unidade Universitária de Dourados
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS/PROFLETRAS

**O GÊNERO CHARGE NA SALA DE AULA: UMA REFLEXÃO
ACERCA DO ENSINO DE LÍNGUA A PARTIR DO TEXTO VERBAL E
IMAGÉTICO**

ELIZANGELA CRISTINA DA SILVA BENTES

Orientadora Profa. Dra. Elza Sabino da Silva Bueno

“O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001 “This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001”

Definição do gênero charge

Romualdo (2009, p.33) apresenta o conceito de charge como: “...podemos definir inicialmente charge como uma manifestação de caráter visual da capacidade textual do ser humano. “. Deste modo entendemos a prevalência do caráter visual contidos nela, e que a partir disso podemos verificar a sua composição, como bem explicita o autor:

A charge é um texto visual desenhado e, enquanto tal, possui algumas características comuns a todos os desenhos.

O seu desenho icônico, na sua totalidade, pode ser convertido a formas mais reduzidas, a elementos gráficos mínimos como o ponto, as linhas (verticais, horizontais, curvas, sinuosas – regulares e irregulares), quebradas e mistas), e as massas (superfícies escuras ou hachuradas), que variam de intensidade e podem assumir as mais diversas formas.

Charges confeccionadas por alunos do 8 ano B – Matutino- Escola Estadual Joaquim Murtinho



Fonte: Modelo do banner elaborado pelos participantes do estudo

Os alunos produtores das charges puderam contemplar seus trabalhos para além da sala de aula, com a exposição do banner e a divulgação no site. Desta forma, não participaram apenas como pesquisados, mas sim como sujeitos ativos no processo e na ação, contribuindo com novos conhecimentos na comunidade que os cercam.

Figura 17 - Print da página do site em que foi divulgado o trabalho

The image is a screenshot of a web browser displaying a page from the website of Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. The browser's address bar shows the URL: <https://www.pontaporainforma.com.br/noticias/educacao/mestranda-da-uems-realiza-trabalho-os-alunos-da-escola-estadual-joaquim-murtinho-de-ponta-pora>. The website's navigation menu includes: CAPA, NOTÍCIAS, VARIEDADES, FESTAS&EVENTOS, COLUNISTAS, VÍDEOS, ENTREVISTAS, TV WEB, and EXPEDIENTE. The main content area features the logo of UEMS (Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul) and the text: "Unidade Universitária de Dourados PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS/PROFLETRAS". The article title is "O GÊNERO CHARGE NA SALA DE AULA: UMA REFLEXÃO ACERCA DO ENSINO DE LÍNGUA A PARTIR DO TEXTO VERBAL E IMAGÉTICO" by ELIZANGELA CRISTINA DA SILVA BENITES. The author's affiliation is "Orientadora Profa. Dra. Elza Subino da Silva Bueno". A note states: "O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001". The article includes a section titled "Definição do gênero charge" and a paragraph starting with "Rosaújo (2009, p.33) apresenta o conceito de charge como: '...podemos definir inicialmente charge como uma manifestação de caráter visual de capacidade textual do ser humano...'". Below this, there is a definition of charge as a visual text and a list of examples: "Os seus desenhos técnicos, na sua totalidade, pode ser convertida a formas mais reduzidas, a elementos gráficos mínimos como o ponto, as linhas (verticais, horizontais, curvas, onduladas e irregulares), o quadrado e o círculo, e as massas (superfícies escuras ou brancas), que variam de intensidade e podem assumir as mais diversas formas." At the bottom, it says "Charges confeccionadas por alunos do 8 ano B - Matutino- Escola Estadual Joaquim Murtinho" and shows a small image of a display board with several drawings. The Windows taskbar at the bottom shows the search bar with the text "Digite aqui para pesquisar" and the system tray with the date "05/12/2018" and time "19:04".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação abordamos a charge como um recurso para melhorar o ensino nas aulas de língua portuguesa em uma turma de 8º ano B do ensino fundamental de uma escola pública de Ponta Porã-MS. Uma vez que estamos diante de uma sociedade que apresenta múltiplos recursos que visam à comunicação, sendo assim é de suma importância trabalhar textos que revelem essa sociedade atual e essa multiculturalidade, mesmo porque os indivíduos fazem uso de diversas tipologias textuais para reproduzirem conhecimentos acerca de diferentes assuntos, de modo especial o estudo do gênero charge como recurso importante no processo de ensino e aprendizagem.

A presente pesquisa teve como objetivo geral analisar o uso da charge no ensino de língua portuguesa em sala de aula, para tornar o leitor de charge mais crítico e atento a fatos de sua realidade e para tanto, foram norteados alguns objetivos específicos como: elaboração de questionário para identificar os conhecimentos prévios acerca do conceito de charge, interpretação de charges, análises individuais e coletivas, exibição de vídeos, slides e a proposta de produção textual a partir do gênero charge.

Para a realização do estudo, a pesquisadora buscou aporte teórico em de diferentes estudiosos do assunto, em que nesta dissertação está contemplado no primeiro capítulo onde se encontra contribuição de estudiosos do assunto como: Bakhtin (2006) com o dialogismo, Barros (1994) que traz as questões de intertextualidade, Brait (2008) que ao abordar a ironia, Pietroforte (2008/20017) com os estudos de semiótica, Possenti (2007/ 2014/ 2017) ao abordar questões relacionadas ao humor, Romualdo (2000) no tratamento da charge, Rojo (2012) ao discutir a multimodalidade, dentro outros. Todos esses autores contribuíram para uma melhor compreensão do gênero e, conseqüentemente para a organização do material selecionado nas aulas que foram trabalhados com os alunos envolvidos na pesquisa. Neste momento da pesquisa foi de suma importância a apropriação de conhecimentos teóricos para asseguraram a qualidade das atividades desenvolvidas nas demais etapas da pesquisa-ação.

Na questão da metodologia escolhemos a pesquisa-ação, centrada nos preceitos de Thiollent (2018). No capítulo dois organizamos as estratégias para o desenvolvimento do estudo. A partir de então foi possível verificar os conhecimentos, e como proceder para estimular e melhorar a leitura de charges, além de garantir que os

envolvidos na pesquisa pudessem de fato se apropriar dos conhecimentos e compartilhá-los com a comunidade escola.

Durante a realização das atividades propostas foi percebido que os alunos têm boa aceitação com esse tipo de texto, que exigiu no decorrer dos exercícios a aquisição de novos conhecimentos, tanto dos pesquisados como do professor pesquisador, principalmente por ser a charge é um tipo de texto que requer do leitor vários conhecimentos e sua compreensão solicitam que estes conhecimentos estejam acionados. Mesmo porque as informações tratadas nas charges são condensadas. Os caminhos que o leitor de charge percorre são muitos, como foram apresentados no capítulo que contempla a teoria desta pesquisa que são: polifonia, dialogismo, intertextualidade, multimodalidade, ironia e humor. Portanto é um gênero textual muito rico para ser trabalhado nas aulas de língua portuguesa. Entretanto, cabe ao professor ofertar e direcionar esses mecanismos que a charge apresenta, para que os alunos possam dialogar com este texto multimodal e estabelecer interação e conexão esperadas no momento da leitura e produção da charge.

Durante as atividades desenvolvidas foi notável a interação que os alunos tiveram com a charge, a princípio não sabiam diferenciar a linguagem verbal e não verbal, tinham dificuldades em diferenciar e compreender que imagens, figuras também seriam textos. Porém, decorrer das etapas da pesquisa eles foram se apropriando deste conhecimento, e de suas características e, ao final produziram textos a partir das charges trabalhadas em sala de aula.

As atividades de leitura e interpretação das charges foram melhorando a cada aula, o que antes ser difícil, para eles, passou a ser algo agradável e produtivo. Após a efetivação das atividades foi solicitado a produção de charges, cada aluno deveria criar a sua charge levando em conta as explicações e características que regem este gênero textual.

A realização desta atividade de produção de charges mostrou-nos quanto os alunos aceitaram o gênero e a proposta de produção, uma vez que muitas foram as realidades apresentadas nas redações das charges que os alunos produziram, tais como: a saúde, política, bullying e outros assuntos.

Por meio das atividades desenvolvidas e das produções das charges foi possível verificar que após todas as etapas propostas nesta pesquisa-ação, houve aprendizagem por parte dos envolvidos na pesquisa, uma vez que, é por meio de atividades com a

charge trabalhar o ensino de língua portuguesa, desde que os professores organizem , apresentem opções que possam constituir o leitor de charge como indivíduos ativos, críticos e envolvidos com a sua realidade.

Ao final deste estudo, a pesquisadora sente-se grata e satisfeita com os resultados apresentados, sabe que trabalhar a leitura não é tarefa fácil, mas que com planejamento voltado para as dificuldades identificadas da turma, é possível melhorar a qualidade do ensino de língua portuguesa nas escolas de ensino fundamental.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino**: Outra escola possível. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- ANTUNES, Irandé. **Análise de textos**: fundamentos e práticas. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- BAKHTIN, Mikhail. Problemas da poética de Dostoiévski. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismos e filosofia da linguagem**. 12ª ed. HUCITEC, 2006.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 3ª ed. São Paulo: Martins fontes, 2000.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria da semiótica do texto**. São Paulo: Ensaios de Cultura, 2011.
- BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais**. Secretaria de Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais. 1998.
- BENITES, Elizângela Cristina da Silva; BUENO, Elza Sabino da Silva; TENO, Neide Araújo Castilho. A CHARGE EM SALA DE AULA: UMA REFLEXÃO ACERCA DO ENSINO DE LÍNGUA A PARTIR DO IMAGÉTICO. In: IX Encontro de Pesquisa na Graduação em Letras (EPGL)/ VIII Congresso de Estudos Linguísticos e Literários de Mato Grosso do Sul (CNELLMs)/ VI Encontro de Pesquisa na Pós-Graduação de Letras (EPPGL) e do I Encontro do ProfLetras. ANAIS. Dourados (MS) UEMS, 2018. Disponível em: <<https://www.even3.com.br/anais/cnellms2018/95493-A-CHARGE-EM-SALA-DE-AULA--UMA-REFLEXAO-ACERCA-DO-ENSINO-DE-LINGUA-A-PARTIR-DO-IMAGETICO>>. Acesso em: 05/12/2018 16:16.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I e II**. São Paulo: Pontes Editores, 2005.
- BEAUGRANDE, Robert-Alain; DRESSLER, Wolfgang. **Introduction to text linguistics**. London: Longman, 1981.
- BRAIT, Beth. **Ironia em perspectiva polifônica**. 2ª ed. Campinas-SP: Unicamp, 2008.
- BUENO, Elza Sabino da Silva; SILVA, Rosangela Villa da. Contribuições da pesquisa sociolinguística ao ensino da língua portuguesa no Brasil. Edição atual - *Anais do SIELP*. Volume 2, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2012.
- Bortoni-Ricardo, Stella Maris. **Nós chegamos na escola, e agora?** Sociolinguística & Educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- CAMARA, JR. Joaquim Mattoso. **História da Linguística**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1979.
- CARVALHO, Castelar de. **Para compreender Saussure**. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

CHIAPPINI, Ligia. **Aprender e ensinar com textos não escolares**. São Paulo, Cortez, 1997.

Houaiss, Antônio. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa – Conciso**. São Paulo: Moderna, 2011.

FREUD, Sigmund. **Os chistes e sua relação com o Inconsciente**. Rio de Janeiro: imago, 2006.

FÁVERO, Leonor Lopes. Paródia e dialogismo. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPOLL, V, 1990, (Recife). Anais... Porto Alegre, [n.s.], 1991.

OLIVEIRA, Ana Claudia; FECHINE, Yvana. *Visualidade Urbanidade Intertextualidade*. São Paulo: Hacker Editores, 1998.

GOMES, Natanael dos Santos; ABRAÃO, Daniel. (orgs). **Pesquisa em Letras: questões de língua e Literatura**. 1. Ed. – Curitiba: Appris, 2012.

GONÇALVES, Adair Vieira. **Gêneros textuais na escola: da compreensão à produção**. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2011.

KIEREGAARD, Soren. **O conceito de ironia**. São Paulo: folha de São Paulo, 2015.

KOCH, Ingedore Villaça, BENTES, Christina e CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Intertextualidade: diálogos possíveis**. São Paulo, Cortez, 2007.

KOCH, Ingedore Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.

LABOV, William. **Sociolinguistic patterns**. 3. ed. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LESSA, D. P. **O Gênero textual charge e sua aplicabilidade em sala de aula**. Revista Travessias, n. 01. 2007.

MARCUSCHI, Luís Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MENEZES, Gilda, TOSHISMITSU, Thaís, MARCONDES, Beatriz. **Como usar outras linguagens na sala de aula**. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2010.

MEURER, Luiz José. Gêneros textuais. Bauru: EDUSC, 2002. https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/133018/mod_resource/content/3/Art_Marcusch_i_G%C3%AAneros_textuais_defini%C3%A7%C3%B5es_funcionalidade.pdf

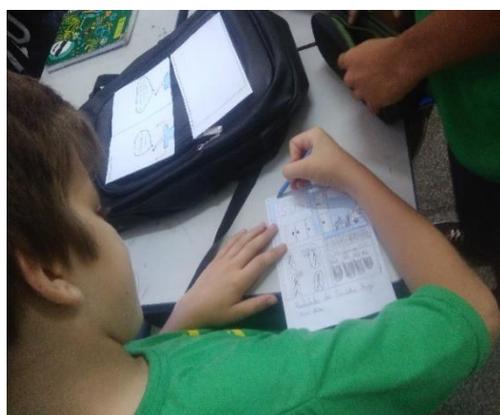
OLIVEIRA, Ana Claudia; FECHINE, Yvana. **Visualidade Urbanidade Intertextualidade**. São Paulo: Hacker Editores, 1998.

PIETROFORTE, Antônio Vicente. **Semiótica visual: os percursos do olhar**. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2017.

PIETROFORTE, Antônio Vicente. **Análise do texto visual: a construção da imagem**. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2008.

- POSSENTI, Sírio. **Cinco ensaios sobre HUMOR e análise do discurso**. 1.ed. São Paulo: Parábola, 2018.
- POSSENTI, Sírio. **Humor, língua e discurso** 1.ed. São Paulo: Contexto, 2014.
- POSSENTI, Sírio. **Os humores da língua** 1.ed. São Paulo: Mercado das Letras, 2007.
- PROPP, Vladímir. **Comicidade e riso**. São Paulo: Ática, 1992.
- RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos**. São Paulo: Contexto, 2009.
- ROJO, Roxane Helena Rodrigues. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012.
- ROMUALDO, Edson Carlos. **Charge Jornalística: Intertextualidade e polifonia**. Maringá: Eduem, 2000.
- SANTAELLA, Lucia; NOTH, Winfried. **Imagem**. Cognição, semiótica, mídia. São Paulo: Iluminares, 1998.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.
- SILVA, Carsodo Emanuel. **Leitura: Sentido e intertextualidade**. São Paulo: Unimarco, 1997.
- SILVEIRA, Eliane. **As marcas do movimento de Saussure na fundamentação da Linguística**. Campinas: Mercado de Letras, 2007.
- TELLES, Carlos Queiroz. **Sete faces do humor**. 1ed. São Paulo: Moderna, 1992.
- TEIXEIRA, Luiz Guilherme Sodré. **Sentidos do Humor**, trapaças da razão, a charge. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2005.
- THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2018.
- TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e pesquisa**, v. 31, n. 3, p. 443-466, 2005. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022005000300009>.
- WEEMS, Scott. **HÁ! A ciência do Humor**. Quando rimos e por quê. São Paulo: DVS, 2016.

ANEXOS – figuras ilustrativas dos alunos em processo de produção textual



Fotos ilustrativas da apresentação para a turma

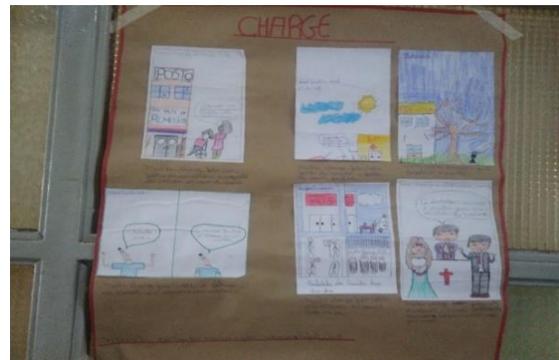
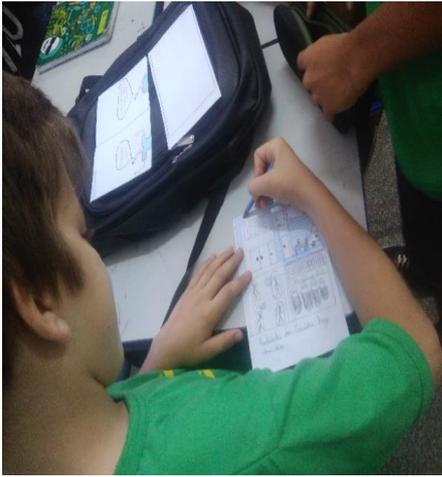




Foto ilustrativa dos alunos em processo de leitura, interpretação e produção de charges





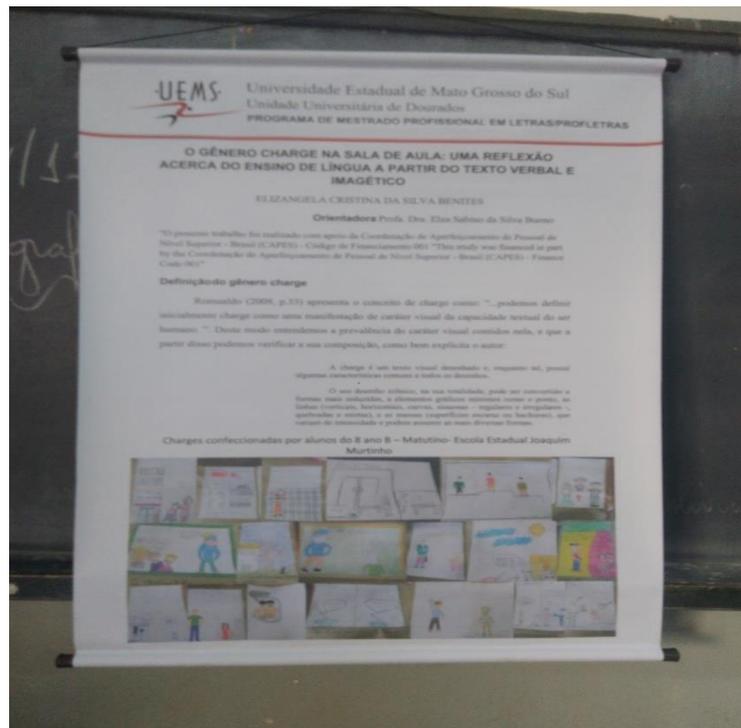


Apresentação para os colegas de sala das charges produzidas





Exposição do banner no pátio da escola



Exposição do banner a sala do 8 ano B



O GÊNERO CHARGE NA SALA DE AULA: UMA REFLEXÃO ACERCA DO ENSINO DE LÍNGUA A PARTIR DO TEXTO VERBAL E IMAGÉTICO

ELIZANGELA CRISTINA DA SILVA BENITES

Orientadora Profa. Dra. Elza Sabino da Silva Bueno

"O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001 "This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001"

Definição do gênero charge

Romualdo (2009, p.33) apresenta o conceito de charge como: "...podemos definir inicialmente charge como uma manifestação de caráter visual da capacidade textual do ser humano.". Deste modo entendemos a prevalência do caráter visual contidos nela, e que a partir disso podemos verificar a sua composição, como bem explicita o autor:

A charge é um texto visual desenhado e, enquanto tal, possui algumas características comuns a todos os desenhos.

O seu desenho icônico, na sua totalidade, pode ser convertido a formas mais reduzidas, a elementos gráficos mínimos como o ponto, as linhas (verticais, horizontais, curvas, sinuosas – regulares e irregulares -, quebradas e mistas), e as massas (superfícies escuras ou hachuras), que variam de intensidade e podem assumir as mais diversas formas.

Charges confeccionadas por alunos do 8 ano B – Matutino- Escola Estadual Joaquim Murtinho



Arte do banner

Conesul News - Notícias de to x AID | Resultados da pesquisa x SESuite 2.0 x Dados do workflow x Mestranda da UEMS realiza tra x + -

https://www.pontaporainforma.com.br/noticias/educacao/mestranda-da-uems-realiza-trabalho-os-alunos-da-escola-estadual-joaquim-murtinho-de-ponta-pora

CAPA NOTÍCIAS VARIEDADES FESTAS&EVENTOS COLUNISTAS VÍDEOS ENTREVISTAS TV WEB EXPEDIENTE Q

UEMS Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Unidade Universitária de Dourados
PROGRAMA DE Mestrado Profissional em Letras/Profletras

O GÊNERO CHARGE NA SALA DE AULA: UMA REFLEXÃO ACERCA DO ENSINO DE LÍNGUA A PARTIR DO TEXTO VERBAL E IMAGÉTICO

ELIZANGELA CRISTINA DA SILVA BENTES

Orientadora Profa. Dra. Elza Sabino da Silva Bueno

"O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001"

Definição do gênero charge

Romualdo (2009, p.33) apresenta o conceito de charge como: "...podemos definir inicialmente charge como uma manifestação de caráter visual da capacidade textual do ser humano.". Deste modo entendemos a prevalência do caráter visual contidos nela, e que a partir disso podemos verificar a sua composição, como bem explicita o autor:

A charge é um texto visual desenhado e, enquanto tal, possui algumas características comuns a todos os desenhos.

O seu desenho icônico, na sua totalidade, pode ser convertido a formas mais rotundas, a elementos gráficos mínimos como o ponto, as linhas (verticais, horizontais, curvas, sinuosas - regulares e irregulares -, quebradas e mistas), e as massas (superfícies escuras ou brancas), que variam de intensidade e podem assumir as mais diversas formas.

Charges confeccionadas por alunos do 8 ano B - Matutino- Escola Estadual Joaquim Murtinho



Windows taskbar: Digite aqui para pesquisar, e, File Explorer, Mail, Chrome, Word, POR 19:04, PTB 05/12/2018

Print da página do site em que foi divulgado o trabalho

Alguns depoimentos escritos pelos alunos envolvidos na pesquisa-ação

Dilmar Medeiros 8º-B

A charge me ajudou muito no desenvolvimento dos estudos e a charge pode fazer críticas ao nosso dia a dia

A Língua Portuguesa

Sobre todas essas charges que teve eu prestei muita atenção, me interessei demais pois o conteúdo é bem legal, eu não sabia o que era o charge e depois que a prof. Elvângela passou o conteúdo e eu li e relei e aprendi, é um conteúdo muito legal, é sobre críticas e desigualdades sociais sobre nosso país.

Matheus Pires.

A Língua Portuguesa

A Linguagem Verbal e a não verbal, me ajuda muito a apreender, coisas novas.

Me ajuda a diferenciar várias coisas agora eu sei e posso diferenciar, texto, crítica, charge etc...

Foi muito interessante apreender isso, porque é uma coisa nova e vai me ajudar muito no futuro.

Laércio 8B.

A Língua Portuguesa

A linguagem verbal e não verbal me ajudou muito para interpretar mais rápido e que as imagens, as cores, preferia um só mais agora gosto dos dois, é muito bom.

Apreendi mais sobre a charge, crítica e texto, a charge ela é uma coisa muito engraçada mais também mostra sobre os problemas, da crítica os políticos e os problemas do Brasil e do mundo.

Boas coisas me ajudaram muito na minha interpretação e meu modo de pensar. Eu fiz muitas charges falando principalmente sobre políticos criticando sobre as funções dos políticos.

Acho que a charge é uma forma de falar o que pensam as pessoas.

Aluna: Nayara fazmim 8º B